



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Renata Getelina Carbonera

**A POLÊMICA COMO MODALIDADE ARGUMENTATIVA:
A MANIFESTAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO**

Passo Fundo

2019

Renata Getelina Carbonera

**A POLÊMICA COMO MODALIDADE ARGUMENTATIVA:
A MANIFESTAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério.

Passo Fundo

2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar minha gratidão a Deus, pelo dom da vida e pela força de enfrentar esse grande desafio, mesmo com todas as adversidades.

Aos meus pais Edna e Felis (*in memoriam*), que sempre foram meus grandes incentivadores. Meu pai, mesmo não estando mais presente fisicamente durante este período, com certeza, me guiou e protegeu como sempre fez em vida. Minha mãe, mesmo acometida de sua enfermidade, sempre foi meu grande estímulo para continuar. Sei que hoje estão orgulhosos da sua filha. Obrigada por tudo, a vocês o meu amor infinito.

Ao meu marido, companheiro e amigo Eliano, pelo incentivo, paciência, compreensão, por entender minhas ausências e minhas crises de choro. A ti, minha gratidão e amor eterno.

À minha tia Edilene, que como uma segunda mãe sempre me aconselhou, apoiou, ouviu minhas angústias, entendeu minhas crises e estresse, a ti meu carinho e admiração.

À minha orientadora Profª. Dra. Patrícia da Silva Valério, pela sua amizade, paciência, ajuda, orientação e sugestões. Muito mais que uma professora, tornou-se uma amiga. Obrigada.

À Direção, colegas e amigos do Colégio Estadual Sananduva, que entenderam minhas ausências, me incentivaram e sempre me auxiliaram, principalmente nos momentos mais difíceis. Gratidão.

Às minhas amigas que muitas vezes entenderam minha ausência e estresse, mas que sempre me incentivaram e comemoram comigo cada conquista durante esse período.

Aos colegas do PPGL/UPF, o meu agradecimento pelas dicas, orientações e desabafos nos momentos difíceis.

À Universidade de Passo Fundo, aos professores (as), funcionários (as) pela acolhida e pela minha bolsa de estudos.

Enfim, meu agradecimento a todos que sempre acreditaram e me incentivaram durante este período de estudos, para vocês minha eterna gratidão.

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a verificar como se constroem as polêmicas em enunciados midiáticos. O objetivo principal deste estudo é analisar enunciados midiáticos, investigando características constitutivas que possam torná-los polêmicos, e compreender os efeitos de sentido produzidos. Tal pesquisa justifica-se pelo fato de o termo “polêmica” ganhar uma grande importância nas interações sociais na atualidade e, muitas vezes, ser utilizado de forma equivocada. A abordagem teórica está alicerçada em Mikhail Bakhtin (1997, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016), que contribui para a compreensão dos conceitos sobre gêneros do discurso, enunciação, diálogo e dialogismo; Ruth Amossy (2017), para compreender o conceito de polêmica e perceber como ela se manifesta nos recortes dos discursos em análise. Em relação à metodologia, este estudo tem uma natureza descritiva, analítica e bibliográfica com abordagem qualitativa. Constituem-se como *corpus* de pesquisa deste trabalho recortes de quatro enunciados midiáticos, que ganharam grande repercussão pública, por seu caráter polêmico, principalmente nas redes sociais, no ano de 2019. A análise revelou que os enunciados escolhidos apresentam características que os tornam polêmicos e que a polêmica vai muito além de uma característica atribuída a esse ou aquele enunciado, mas pode ser considerada uma modalidade argumentativa que perpassa vários gêneros discursivos.

Palavras-chave: Gêneros. Discurso. Enunciação. Polêmica.

ABSTRACT

This research aims to verify how the controversies are built in media statements. The main objective of this study is to analyze media statements, investigating constitutive characteristics that can make them controversial, in order to understand the effects of meaning produced. Such research is justified by the fact that the term controversy has gained a great importance in social interactions today, and often is misused. The theoretical approach is based on Mikhail Bakhtin (1997, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016), the text theorist who contributes to the understanding of the concepts of discourse genres, enunciation, dialogue and dialogism; Ruth Amossy (2017), to understand the concept of controversy and understand how it manifests itself in the clippings of the discourses under analysis. Regarding the methodology, this study has a descriptive, analytical and bibliographic nature with a qualitative approach. The corpus of research of this work are clippings of four media utterances, which gained great public repercussion for their controversial character, especially in social networks, in 2019. The analysis revealed that the chosen utterances have characteristics that make them controversial. and that the controversy goes far beyond an attributed characteristic and this or that utterance, but it can be considered an argumentative modality that permeates various discursive genres.

Keywords: Genres. Speech. Enunciation. Controversy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Transcrição do enunciado da Pastora no discurso disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=56Vk8U_rDqo>.

Quadro 2 - Transcrição do enunciado da Pastora no discurso disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=-_yWSMQEkY8>.

Quadro 3 - Transcrição do enunciado da Ministra no discurso disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>>.

Quadro 4 - Transcrição do enunciado da Ministra no discurso disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=LPI3RKTYA3s>>.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MIKHAIL BAKHTIN E SUAS REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM	11
2.1 Sobre Mikhail Bakhtin e o Círculo	11
2.2 Enunciação em Bakhtin	13
2.3 O Texto/ O Enunciado/ A Palavra é Dialógica em Bakhtin	21
3 GÊNEROS DO DISCURSO NA LINGUAGEM HUMANA	28
3.1 O enunciado como unidade de comunicação verbal	34
3.2 Enunciado e Oração: o que os diferencia no processo de comunicação discursiva	37
3.3 O papel do “ouvinte” nos Gêneros do Discurso	39
4 A MANIFESTAÇÃO DA POLÊMICA NO DISCURSO	40
4.1 A polêmica e o dissenso	41
4.2 Mas afinal, o que é a polêmica?	43
4.2.1 A Polêmica como modalidade argumentativa	43
4.2.1.1 Dicotomia	44
4.2.1.2 Polarização	45
4.2.2 Discurso polêmico ou Interação polêmica	48
5 A POLÊMICA NOS ENUNCIADOS MIDIÁTICOS	50
5.1 Damares e a Teoria da Evolução	54
5.2 As Feministas e a Igreja	57
5.3 Menino veste azul e menina veste rosa	60
5.4 A mulher deve ser submissa ao homem no casamento?	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

A popularização das redes sociais e o uso das tecnologias trouxeram muitos benefícios às pessoas, tais como: fazer novos amigos e manter contato com os amigos distantes, fazer negócios e também manter-se informado sobre os mais variados assuntos. Do mesmo modo, criou um universo sem fronteiras, capaz de levar conteúdo e informação para públicos distintos.

Várias são as formas de compartilhar conteúdo nas redes. Tais conteúdos servem a diferentes propósitos comunicativos, sendo que muitos acabam se tornando grandes polêmicas públicas. A polêmica tem se acentuado, principalmente, no atual cenário político do nosso país, em que posições divergentes se chocam nas mais diversas esferas, sendo a internet um dos espaços mais frequentes para a divulgação e o compartilhamento de notícias, fatos e opiniões polêmicas. O termo “polêmica” nunca foi tão popularizado como atualmente e as redes sociais, com sua velocidade de propagação de conteúdo, favoreceram essa disseminação. Diante de um cenário de crescimento da polêmica nas redes sociais, empreendemos um estudo buscando entender o que é a polêmica, como ela se constitui e se manifesta. Em definição nos dicionários de língua portuguesa, o termo tem origem grega no termo *polêmicos*, que significa relativo à guerra, debate amigável, mas acalorado. Essa definição parece, de certo modo, presente na atualidade. Observando entrevistas de personalidades públicas, salvo algumas exceções, muitas remetem a uma ideia de guerra de discursos, onde um representante parece ter o intuito de derrotar seu adversário e atacar o seu oponente, desqualificando seu discurso para vencê-lo, como se estivessem realmente participando de uma guerra.

Na concepção de Amossy (2017), pesquisadora do tema, toda polêmica envolve um assunto de interesse público e político (esse termo aqui compreendido no seu sentido mais amplo). É possível perceber, principalmente nas redes sociais, discussões acaloradas sobre os mais variados assuntos, principalmente os que envolvem a política (partidária) que separa dois grupos bem distintos: os que defendem e os que são contrários a alguma causa.

A partir dessa definição e com vistas a compreender a emergência de enunciados polêmicos nas mídias sociais, escolhemos como *corpus* deste trabalho, enunciados proferidos por uma personalidade pública, no caso a pastora evangélica e Ministra de Estado Damares Regina Alves, responsável pela pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, do governo conservador de Jair Messias Bolsonaro, candidato do PSL, eleito presidente em outubro de 2018.

Os enunciados escolhidos muitas vezes qualificados como polêmicos, ganharam bastante espaço na mídia, especialmente nas redes sociais. Importante mencionar que, até o dia de sua posse como ministra, Damares era desconhecida do grande público, entretanto, a partir do dia da cerimônia de posse, chamou atenção da opinião pública por um vídeo postado nas redes sociais, quando proferiu, diante de alguns assessores, amigos e apoiadores políticos, o seguinte enunciado: “Começa uma nova era no Brasil, menino veste azul e menina veste rosa”.

Esse vídeo, em poucos minutos, ganhou notória repercussão, e muitas manifestações públicas vieram à tona, sendo que as redes sociais se tornaram terreno fértil para o debate, e a cada dia novos vídeos, com entrevistas e discursos recentes, mas também com alguns enunciados mais antigos da religiosa, passaram a ser divulgados. Diante de tamanha repercussão pública, percebemos a necessidade de olhar para estes discursos de um modo mais atento. Assim, encontramos, na perspectiva dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin, possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Diante de tais pressupostos, faz-se necessário ressaltar que esta investigação está inserida na linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar enunciados midiáticos, investigando características constitutivas que os tornam (ou não) polêmicos a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos. Assim, procuramos responder que elementos linguísticos constituem enunciados caracterizados como polêmicos e que sentidos constroem.

Os objetivos específicos que orientam este trabalho são os seguintes: identificar o dialogismo que caracteriza a polêmica em enunciados midiáticos; revisar os principais conceitos que constroem a perspectiva dialógica bakhtiniana para perceber como esses conceitos estruturam os enunciados em análise; resgatar o conceito de Gênero do Discurso em Bakhtin e compreender os enunciados midiáticos; definir o que é a polêmica para compreender como ela se manifesta nos enunciados em análise.

Para estruturar a fundamentação teórica deste trabalho, recorreremos a autores consagrados da temática do Gêneros do Discurso, Enunciado e Enunciação, Diálogo e Dialogismo em Bakhtin (1997, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016), Barros (1996), Brait (1996), Faraco (2009), Fiorin (2015, 2017), Marcuschi (2005, 2008) e também em Amossy (2017) para compreendermos melhor o conceito de polêmica.

O *corpus* utilizado para análise são recortes de quatro enunciados proferidos pela pastora evangélica, advogada e ministra Damares Regina Alves, em situações discursivas distintas. O primeiro é de 2013, quando a religiosa concedeu uma entrevista ao portal “Fé

em Jesus”; o segundo enunciado é de 2015 e revela um posicionamento da religiosa como pastora na igreja evangélica na qual professa sua fé; os outros dois enunciados são de 2019, após a pastora tornar-se ministra de Estado.

A metodologia utilizada parte da pesquisa bibliográfica descritiva, pois a partir de conceitos teóricos serão realizadas as análises do conteúdo dos discursos escolhidos como *corpus* da pesquisa, a fim de observar a produção dos efeitos de sentido e compreender como se apresenta a polêmica. As referidas análises são feitas com uma abordagem qualitativa, isto é, partimos do estudo da teoria já relacionada acima para então realizarmos a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados.

Com vistas a cumprir nosso objetivo de pesquisa, empreendemos, inicialmente, uma revisão teórica, a fim de sustentar a análise. Assim, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda elementos relacionados às primeiras reflexões sobre a linguagem para Bakhtin (1997, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016), resgatando conceitos caros à teoria, como o de enunciação, diálogo e dialogismo presentes nos estudos desse filósofo russo. O segundo capítulo tem como tema principal a questão dos gêneros discursivos e visa aprofundar o conceito de gênero para compreender os discursos escolhidos para o *corpus* de pesquisa. O terceiro capítulo apresenta como temática central a questão da polêmica, trazendo algumas definições e classificações, com base em Amossy (2017). O quarto capítulo apresenta a análise acerca dos recortes dos discursos proferidos pela pastora e ministra, relacionando com os conceitos teóricos já estudados. Por fim, constam as considerações finais relacionadas à pesquisa realizada e suas contribuições para o estudo da Linguística.

2 MIKHAIL BAKHTIN E SUAS REFLEXÕES SOBRE A LINGUAGEM

Este estudo procura trazer para a discussão alguns conceitos da teoria do filósofo russo Mikhail Bakhtin e de seu Círculo que nortearão nossa pesquisa e, principalmente, devem contribuir para a análise do *corpus*. Neste primeiro capítulo, abordaremos os conceitos de enunciação e dialogismo, conceitos fundantes da teoria de Bakhtin e de seu Círculo. Procuramos aprofundar esses aspectos da teoria, pois, os julgamos relevantes para a realização da nossa pesquisa.

Antes de trazer as definições dos conceitos teóricos, consideramos importante resgatar, ainda que brevemente, o contexto histórico que deu origem às ideias de Bakhtin e seu Círculo.

Ao estudarmos com mais detalhes a vida do filósofo russo Mikhail Bakhtin, percebemos que ele construiu uma trajetória singular, pois sua carreira profissional mostrava-se apagada, marcada pela recusa de seus trabalhos nos círculos acadêmicos mais prestigiados. Segundo Faraco (2009), ao longo de sua existência, Bakhtin cultivou uma atividade intensa de reflexão e escrita, sendo considerado hoje um dos grandes pensadores do século XX.

2.1 Sobre Mikhail Bakhtin e o Círculo

A leitura dos textos de Mikhail Bakhtin não é uma tarefa simples, visto que grande parte do que foi publicado é constituído de manuscritos inacabados, aspecto que gera divergências quanto a sua autoria. Desse modo, muitos textos atribuídos a ele, acabaram sendo publicados em nome de outros autores, como: Valentin Voloshinov e Pável Nikolaévitch Medvedev¹ que, além dos laços de amizade com Bakhtin, integravam o Círculo de Bakhtin.

Em Faraco (2009, p. 13), encontramos que o “Círculo de Bakhtin era formado por um grupo de intelectuais que se reuniu, numa espécie de grupo de estudos, durante aproximadamente dez anos (1919 a 1929)”. Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre vários outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I.

¹ Algumas obras cuja autoria de Bakhtin é contestada são *Freudismo; O método formal aplicado à crítica literária; Marxismo e filosofia da linguagem* (VASILEV, 2006). Mais do que a autoria, interessam-nos as obras, razão pela qual não nos dedicaremos a esta discussão, que já foi tema de muitas pesquisas. (FARACO, 2006; CLARK e HOLQUIST, 2008; FARACO, TEZZA e CASTRO, 2006).

Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e os três estudiosos que vão nos interessar mais de perto nesta pesquisa: Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pável N. Medvedev.

Faraco (2009) nos traz ainda que os membros do Círculo tinham em comum a paixão pela filosofia e pelo debate de ideias. Mergulharam a fundo nas discussões de filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo. Mas, com certeza, a paixão mais evidente nos estudos do grupo era pela linguagem.

A partir dessas breves considerações sobre o Círculo de Bakhtin, é importante destacar que, como já mencionado, iremos discutir com maior ênfase as ideias de Bakhtin, Voloshinov e Medvedev acerca da linguagem. Embora cada um dos representantes do Círculo tivesse formação e interesse distintos, o que os unia era uma concepção comum de linguagem.

Logo, percebemos que Voloshinov, inicialmente, tinha seu interesse voltado para a história da música, e só por volta de 1927 se formou em estudos linguísticos, quando veio a concentrar sua atenção na linguagem. Já Medvedev era formado em Direito, teve uma carreira de educador e gestor cultural, direcionou suas reflexões à Literatura.

Mikhail M. Bakhtin teve sua formação na área dos estudos literários, atuou como professor, foi preso e condenado ao exílio e somente depois da Segunda Guerra Mundial inseriu-se novamente no mercado de trabalho. Hoje, analisando a imensidade e densidade de suas reflexões e ideias, podemos afirmar que ele foi um filósofo e um grande pensador da linguagem, talvez um dos mais importantes do século XX, apesar do seu exílio por mais de trinta anos (FARACO, 2009).

Conforme já anunciamos, o que unia o grupo era uma concepção comum de linguagem. Esse interesse, entretanto, era “de caráter eminentemente filosófico e não propriamente científico” (FARACO, 2009, p. 35).

Sendo assim, como leitores de Bakhtin², podemos perceber que suas ideias a respeito da linguagem são inovadoras, pois ele analisa a linguagem e a comunicação como elementos vivos. Para esse pensador, estudar a linguagem é ir além de aprender e entender apenas as estruturas da língua, para ele o importante é analisar os sentidos de um discurso como um processo dinâmico de construção e reconstrução do grande projeto da enunciação.

² Os textos do filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu grupo conhecido como Círculo de Bakhtin, ganharam grande repercussão no meio acadêmico no Brasil por volta do ano 1979, com a tradução da primeira obra para o português que foi: “Marxismo e Filosofia da Linguagem”.

Nessa perspectiva, o mais importante é compreender as relações dialógicas³ que se estabelecem no processo de constituição dos sentidos em um discurso.

Estes conceitos iniciais a respeito do autor são apenas uma apresentação, até porque as ideias desse estudioso não são algo que pode se reduzir a poucas palavras, pois estamos lidando com a expressão viva da língua, experienciada e projetada na comunicação social.

Os conceitos de enunciação e dialogismo são construídos ao longo de toda a sua produção teórica e permeiam toda sua obra. Para Barros (1996), todo o estudioso que pretende analisar os textos de Bakhtin deve se preocupar principalmente com a teoria do dialogismo, tema dominante de seus escritos. Esses conceitos são fundamentais, pois a partir deles iremos estabelecer a relação com outros conceitos considerados chaves neste trabalho como, por exemplo, interação, enunciado, enunciação, gêneros discursivos e polêmica.

A fim de resgatar os conceitos anunciados, revisitamos as principais obras deixadas por Bakhtin e seu Círculo que são: *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014), *Estética da criação verbal* (2003), *Questões de literatura e estética* (2010) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008). Desse modo, na seção subsequente, iniciaremos o esclarecimento de alguns conceitos de forma mais detalhada.

2.2 Enunciação em Bakhtin

Nesta seção, pretendemos definir o conceito de enunciação em Bakhtin, pois este conceito está indissociavelmente relacionado à noção de discurso. Mikhail Bakhtin certamente foi quem influenciou ou antecipou os estudos sobre o texto e o discurso. Por isso, segundo Barros (1996) foi chamado por T. Todorov de “teórico do texto⁴”.

Na concepção de Barros (1996, p. 21), “a especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (discurso)”, ou seja, as ciências humanas deverão se preocupar com o homem, mas com o homem como produtor de texto.

Diante de tal necessidade, isto é, colocar o homem no centro da reflexão teórica, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN, 2014, p. 116) nos apresenta a definição de enunciação como “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Compreender a linguagem como forma de interação entre sujeitos é uma visão relacionada à teoria interacionista, que vai na contramão da concepção de linguagem como expressão do pensamento ou apenas como instrumento da comunicação. É entender

³ Na sequência do texto, será definido o que se entende por relações dialógicas nesta teoria.

⁴ Cabe aqui explicar que Bakhtin não utiliza o termo “texto” em sua teoria, mas sim “discurso”.

que a linguagem tem um papel maior e mais importante do que apenas emitir uma mensagem para um receptor, pois tem a missão de fazer o ser humano interagir socialmente, mediados pela linguagem, a qual cumpre o papel de organizar suas relações sociodiscursivas.

A partir do conceito de interação, Bakhtin (2014) aprofunda a ideia de que é através da língua que se oferecem as possibilidades de se dizer algo numa determinada situação de produção. Esse dizer é sempre concretizado por meio dos gêneros do discurso que, por sua vez, materializam os enunciados.

Para Bakhtin (2010), os filólogos da época foram os primeiros a tentar reorganizar as reflexões sobre a língua materna e se apoiaram sobre a teoria do subjetivismo individualista, que acabava por pensar no enunciado como um ato puramente individual, uma expressão dos desejos e da consciência. Bakhtin e seu Círculo, com suas reflexões sobre a língua, nos trazem uma definição de enunciado que foge desta visão romântica.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2014), Bakhtin e Volochínov afirmam que os termos “enunciado” e “enunciação” são indissociáveis, e só ganham significação no contexto da produção em que estão inseridos. Ainda, segundo esses autores, o “centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é o interior, mas sim exterior: está situada no meio social que envolve o indivíduo” (2014, p. 125).

Partindo desse pressuposto, o filósofo russo também afirma que “é para a consciência individual, e do ponto de vista dela, que a língua se apresenta como um sistema de normas rígidas e imutáveis” (2014, p. 93) e, se fizermos uma abstração dessa consciência individual e lançarmos um olhar objetivo sobre a língua, não encontraremos nenhum indício de um sistema imutável, pelo contrário, perceberemos uma evolução quase ininterrupta das formas da língua.

Também podemos afirmar que para os autores do Círculo, o termo enunciação está relacionado ao processo de interação entre os sujeitos, referindo-se ao momento em que acontece a interlocução. Logo, a enunciação está associada ao tempo e ao espaço da produção do discurso, portanto ela não pode ser um produto individual, mas sim um fenômeno da natureza social.

Nesse âmbito, é importante frisar que para Bakhtin (2016, p. 17), “o enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional”, pois muitas vezes ele é definido e entendido de forma equivocada. O enunciado não é apenas uma unidade da língua, é uma unidade de comunicação verbal, portanto, não possui apenas uma significação, pelo contrário, detém um sentido que está sempre relacionado a um valor social, já que o falante que o produz está sempre inserido num contexto histórico-social. Logo, não podemos tratar

o enunciado apenas como um elemento linguístico, pois seguindo as contribuições de Bakhtin,

de fato, a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdade ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial (2014, p. 98).

Cabe aqui reforçar a ideia de que para o estudioso, nós não nos comunicamos por frases ou orações, mas por enunciados concretos, que sempre se realizam em um determinado momento marcado por uma situação social e histórica.

Dessa maneira, “todo enunciado concreto é um elo da cadeia complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 62), pois o discurso só se realiza na forma efetiva dos enunciados produzidos pelos indivíduos. Esta é uma das características que o autor atribui ao enunciado, mas não é a única e nem a mais importante. Segundo Faraco (2009), enunciar é tomar uma posição social avaliativa, é localizar-se frente a outras posições sociais avaliativas, já que falamos numa atmosfera social saturada de valorações.

O ato de produzir enunciados está sempre ligado à ideia da presença de outro sujeito, por isso podemos afirmar que os limites do enunciado são sempre estabelecidos pela alternância dos sujeitos do discurso, pois como afirma Bakhtin,

os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos, uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. (2016, p. 57).

Por esse viés, entendemos que todo o enunciado deve ser visto como uma resposta aos enunciados que o precederam, lembrando que Bakhtin deixa claro que o termo “resposta” aqui é tomado sempre com um sentido amplo. O enunciado não só cumpre a missão de responder, como também a de se opor a uma resposta, aceitar, refutar, concordar e/ou discordar completamente.

Em cada esfera da comunicação podemos afirmar que o enunciado ocupa sempre uma posição bem definida. É quase impossível definir a posição dele sem relacioná-lo com outros, é por isso que todo o enunciado é repleto de atitudes responsivas. Compreendemos, portanto, que o enunciado sempre terá um destinatário, de quem irá se esperar uma atitude responsiva. A palavra, com relação ao interlocutor, tem uma importância muito grande, pois conforme a contribuição de Bakhtin,

na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação a outro (2014, p. 117).

A enunciação, segundo o Círculo, tem o caráter de ser o produto da interação entre dois indivíduos que pertencem e estão inseridos em um meio social, mesmo que muitas vezes o interlocutor não seja alguém propriamente identificado, ou seja, real. A interação passa a ser um dos elementos mais importantes que constituem o enunciado, pois é parte integrante dele.

Bakhtin (2016) afirma que o ser humano não pode ser considerado um “Adão Bíblico” que vai se relacionar com objetos que ainda não foram nomeados e que ele irá nomear pela primeira vez. Essa situação não é real, pois, ao enunciar, mesmo que a mais simples oração, o enunciado já carrega uma visão de mundo, uma opinião, ou seja, marcas do discurso do outro que farão com que seu enunciado seja mais um elo dessa cadeia de enunciados. Ao produzirmos um discurso, não podemos nos considerar a sua fonte, mas sim meros intermediários que dialogam e polemizam com outros discursos já existentes.

É relevante destacar que nas palavras de Bakhtin (2014, p. 126), a “enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social”. Afinal, somos seres sociais, logo os enunciados que produzimos são resultados da interação à qual estamos ligados.

Quando nos referimos à palavra interação, podemos associa-la a palavra “diálogo”, concebida como troca de turnos entre falantes. Segundo o Círculo, o diálogo é uma das formas mais importantes da interação verbal, no entanto, esse termo também ganha, no sentido da interação, um significado mais amplo, não apenas entendido como uma comunicação em voz alta entre pessoas colocadas frente a frente, mas ao termo diálogo se estende a significação de toda a comunicação verbal, de qualquer tipo, pois como sustenta Bakhtin,

o livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diversas esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas...) (2014, p. 127).

O ato de ler um livro é sempre orientado em função de intervenções, leituras e conversas anteriores, enfim a compreensão de seus sentidos é puramente um ato de interação verbal.

Além da interação como uma das principais características da enunciação, também precisamos destacar outros elementos que a constituem e que são igualmente importantes: a forma, o estilo e a construção composicional que estruturam o enunciado.

Observamos que para Bakhtin (2016, p. 11), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Assim sendo, a forma e o estilo que compõem a enunciação sempre serão fornecidos pelos participantes e pela situação mais imediata de criação do enunciado. Todo enunciado é considerado individual, por isso pode refletir a singularidade do falante. O estilo integra a unidade de gênero como seu elemento, visto que, a opção por um estilo na produção de nosso enunciado sempre irá depender de alguns aspectos que envolvem a situação⁵ de comunicação como o destinatário, o tema, a situação imediata de produção do enunciado. Há alguns gêneros propícios para expressar a individualidade, como os gêneros literários. Outros gêneros, considerados mais técnicos, como os de origem mais científica, não têm como característica mostrar as especificidades do falante, pois têm uma estrutura composicional mais rígida. Bakhtin (2016) afirma que a estilística só considera como fatores que determinam o estilo do enunciado: o sistema da língua, o objeto do discurso e a relação valorativa que o falante estabelece com esse objeto.

Com base nessa afirmação, podemos afirmar que um enunciado não pode ser absolutamente neutro, já que o estilo individual do enunciado é determinado sobretudo por seus aspectos expressivos, ou seja, o tom ou a entonação⁶ que damos a esse enunciado, pois nossos enunciados estão sempre carregados de sentidos.

Pissoli (2018) afirma que para entendermos o conceito de entonação em Bakhtin, é preciso compreender que para o filósofo é a partir da entonação que o discurso entra em contato com a vida. Toda a enunciação, seja ela falada ou escrita, irá apresentar uma entonação, que tem um papel muito importante.

Conforme Bakhtin (2016), na oralidade é onde o falante mais consegue, através de sua entonação, deixar clara a relação emocional dele com o enunciado que está proferindo, o que se chama de entonação expressiva, isto é um traço constitutivo do enunciado, é um elo entre o verbal e o extraverbal. A entonação expressiva só se constitui dentro do enunciado concreto, ou seja, não existe fora do enunciado (palavra ou oração). Além disso, ela possui um valor semântico, ideologiza a palavra e eleva o enunciado para o mundo real.

⁵ A situação é elemento bastante importante na análise que empreendemos ao final desta pesquisa, razão pela qual aprofundaremos esse conceito em seção específica.

⁶ Na sequência, aprofundamos o conceito de tom (e de entonação).

Quando uma palavra é pronunciada com entonação expressiva, ela deixa de ser apenas uma palavra, revelando-se como um enunciado acabado.

Mas não é apenas na oralidade que há entonação expressiva. No enunciado escrito essa característica, que é própria do enunciado oral, será revelada pelas marcas linguísticas que integram o discurso como, por exemplo, a pontuação, o uso de aspas, até mesmo a escrita em letras maiúsculas, que hoje é uma marca já conhecida nas redes sociais representando a fala de forma exaltada, isto é, quando há elevação do tom de voz. Todas essas características poderão marcar, na escrita, o tom que quem enuncia quer passar ao seu espectador.

E por isso seguimos afirmando que, segundo as ideias defendidas por Bakhtin (2014) e seu Círculo, a comunicação e a interação verbal estão sempre em evolução no quadro das relações sociais. O modo como nos comunicamos transforma-se em consequência da interação entre os seres humanos, logo esse processo de evolução ocasiona mudanças nas formas linguísticas.

Observamos que mesmo na enunciação humana mais primitiva realizada por um organismo considerado individual, é do ponto de vista de seu conteúdo e de sua significação organizada fora do indivíduo, ou seja, pelas condições do meio social, que o enunciado é visto como um produto puro da interação. A estrutura da enunciação é de caráter social, a elaboração estilística é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal é do coletivo, cada elo dessa corrente é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução.

Os filólogos do pensamento do subjetivismo individualista têm toda a razão quando afirmam que não se pode isolar uma forma linguística de seu conteúdo ideológico. Nesse sentido, afirma Bakhtin (2014, p. 126) que “toda palavra é ideológica e toda a utilização da língua está ligada a evolução ideológica”. Diante de tal perspectiva, é equivocado pensar que o conteúdo ideológico pode ser reduzido apenas às condições do psiquismo individual.

Entretanto, precisamos também entender que a enunciação, por mais significativa que seja, é apenas uma fração da comunicação verbal ininterrupta que engloba a vida cotidiana, a literatura e a política. Essa comunicação verbal constante é apenas um elemento da evolução social do indivíduo dentro de um grupo. A nossa língua é viva e evolui historicamente na comunicação verbal concreta.

O enunciado como elemento concreto da comunicação verbal tem seus limites sempre organizados a partir da alternância de sujeitos participantes da comunicação. O falante termina seu enunciado e deixa lugar para outro exercer sua compreensão ativamente responsiva. Para melhor definir este conceito, recorreremos a Fiorin (2017, p.8), para quem “compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário,

uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos numa situação de comunicação”. Logo, lembrando o que disse Bakhtin (2003) todo ato de compreender um enunciado implica uma responsividade e, por consequência, um juízo de valor, o que se entende por *compreensão ativa responsiva*.

Como o enunciado é parte integrante da constituição da linguagem, é uma prática social que tem na língua a sua materialidade, logo umas das principais características atribuídas a ele é o caráter dialógico, que é caracterizado pela possibilidade de sempre exigir resposta. Tal resposta irá concordar, discordar, reiterar, negar ou mesmo silenciar, mas sempre será uma resposta, ainda que não se transforme em enunciado verbal materializado no discurso.

A compreensão responsiva é para Bakhtin (2003, p. 272) a “fase inicial e preparatória para uma resposta”. Essa compreensão então passa ser ativa, pois toda forma de “resposta”, até mesmo o silêncio, requer uma atitude, visto que não pode existir a compreensão passiva. A compreensão responsiva ativa de um enunciado concreto é uma orientação discursiva na qual o primeiro locutor toma direcionamento levando em consideração o posicionamento discursivo do seu interlocutor.

Ainda no que diz respeito à questão da linguagem nos estudos realizados pelo Círculo, não podemos deixar de abordar as questões do sentido e significação, que ganham relevância nos textos desses filósofos.

Segundo Brait (1996), é difícil definir os conceitos de sentido e significação nas obras de Bakhtin, muito porque, segundo ela, o filósofo russo assume, perante a linguagem, uma visão muito específica que articula a estética, ética e diferentes pressupostos filosóficos, não aceitando, portanto, que as suas reflexões sobre a linguagem sejam feitas apenas sobre um viés linguístico. “O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo” (BRAIT, 1996, p. 71).

Bakhtin (2014) chama de tema o sentido da enunciação completa e afirma que o tema deve ser único, individual e não reiterável. O tema sempre irá se apresentar como a expressão de uma situação histórica concreta. Já que em cada momento um enunciado pode adquirir um sentido específico que irá depender da situação histórica. Tomemos como exemplo a enunciação “Que horas são?”. Esse simples enunciado proferido em diferentes situações acaba por ganhar variados sentidos, dependendo do momento histórico e da entoação utilizada entre outros aspectos. Logo, podemos afirmar que, o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas (palavras, sons e entoações), mas também pelos elementos não verbais da situação de comunicação.

Além do tema, a enunciação é dotada também de uma significação, que normalmente se encontra no interior do tema. Logo, se tomarmos como exemplo novamente o enunciado: “Que horas são?”, como já dito anteriormente, dependendo da situação histórica ou da entoação, ele poderá ter um tema diferente, mas sempre terá a mesma significação.

Tema e significação são dependentes e inter-relacionados. Por esse prisma, afirma Bakhtin (2014, p.134) “a significação é um aparato técnico para realização do tema”, não é possível designar a significação de uma palavra isolada sem construir uma enunciação. Dessa maneira, podemos observar que o tema constitui o estágio superior da capacidade linguística de significar. Nesse mesmo prisma e de acordo com Castro (1996, p. 98) podemos destacar que “o tema seria o momento linguístico-contextual, não reiterável. Já a significação, por sua vez, se refere ao aparato técnico”.

A partir das ideias desenvolvidas por Brait (1996), podemos também perceber que as questões relacionadas ao sentido e à significação devem ser analisadas sempre levando em conta a história, o tempo, o lugar de produção do enunciado e os envolvidos no discurso, o que Bakhtin chama de uma “avaliação social”. Para Faraco (1996, p. 118), “trata-se de apreender que o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio a complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente”, visto que a linguagem não é um ato feito no vazio, ela é carregada de significado a partir do contexto histórico e social em que o enunciado foi produzido, isto é: “o significado da palavra está ligado à história através do ato único de sua realização” (BRAIT, 1996, p. 77).

Podemos perceber que o que realmente diferencia o pensamento de Bakhtin de outros estudiosos da linguagem é o fato de que, para ele, a linguagem é vista como uma atividade humana que tem consciência prática e é totalmente voltada para o aspecto social. Para Faraco (2009), a linguagem acontece entre indivíduos “socialmente organizados” e que estão totalmente inseridos em um contexto social e histórico.

Além disso, Bakhtin desenvolveu em seus estudos variados assuntos sempre relacionados à linguagem como: gêneros, enunciação, discurso, entre outros. Também podemos afirmar que o interesse pelo sentido e pela significação passa obrigatoriamente pela questão do dialogismo, já que esse aspecto, para o pensador russo, é o princípio que constitui a linguagem.

O conceito de dialogismo é fundamental para que se compreenda a obra de Bakhtin, pois, como já afirmamos, esta fundamenta toda a sua concepção de linguagem, é o elemento unificador de sua obra.

Após refletirmos sobre os conceitos de enunciação/enunciado, passamos agora na próxima seção, a observar com atenção o conceito de dialogismo, elemento fundamental na teoria de Bakhtin e do Círculo e também elemento importante para construirmos o embasamento da sequência de nosso estudo.

2.3 O Texto/ O Enunciado/ A Palavra é Dialógica em Bakhtin

Segundo Bakhtin (2003, p. 323), “onde não há palavra não há linguagem e também não pode haver relações dialógicas”. O conceito de dialogismo recebe acepções diferentes na obra de Bakhtin, dependendo do contexto em que é empregado, no entanto, pode ter uma relação de unidade na medida em que engloba a ideia do filósofo russo sobre linguagem, pois é impossível pensar no homem fora das relações com o outro. Conforme Marcuzzo (2008) o conceito de dialogismo é fundamental para se compreender a obra de Bakhtin porque atravessa a sua concepção de linguagem e, mais do que isso, sua concepção de mundo.

Toda palavra de alguém é perpassada pela palavra de outro, isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Desse modo, Fiorin (2017, p. 8) afirma que “todo o discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. Ainda a fim de exemplificar essa ideia, Bakhtin afirma que não somos uma espécie de “Adão Bíblico” que não tem contato com a palavra de outros seres, logo todo o discurso que proferimos é constituído pelos discursos alheios.

Podemos considerar que estamos continuamente inseridos em um processo de diálogo, constantemente aguardamos uma conduta responsiva do outro, que pode ser até efetuada através do silêncio. O outro, o interlocutor, não é um ser passivo, é sempre um sujeito ativo-responsivo, pois a compreensão é um processo ativo.

O diálogo propriamente dito, não é apenas constituído por locutor/ interlocutor, há nesse processo um elemento essencial que Bakhtin (2003) denomina de “supradestinatário”, esse seria um terceiro elemento do diálogo, aquele que não participa ativamente do processo, mas que está inserido na palavra do autor, sobre isso Bakhtin afirma que (2003, p. 328) “a palavra é um drama do qual participam três personagens, não é um dueto, mas um trio”.

Esse supradestinatário e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas. Esse terceiro elemento do discurso não é alguém que pode ser considerado mítico, mas é um elemento que constitui o enunciado

real. Na produção de um enunciado, o emissor pode ter em mente um destinatário ideal ao seu discurso, mas esse enunciado, depois de materializado, acaba sempre por ganhar proporções maiores, chegando a outros destinatários, o “supradestinatário”, mesmo distante de tempo e espaço, também exercerá sua compreensão responsiva diante daquele discurso. Para Bakhtin (2003, p. 333), “cada diálogo ocorre como que no fundo de uma compreensão responsiva de um terceiro invisivelmente presente, situado acima de todos os participantes do diálogo (parceiros)”. Isso acontece, segundo Bakhtin, porque a palavra sempre está à procura de uma compreensão responsiva, a palavra quer e precisa ser “ouvida”, pois, para ela, não existe nada pior que a “irresponsividade”.

O conceito de diálogo, na teoria do dialogismo, não é entendido no sentido reduzido da conversação entre duas pessoas (como já afirmamos anteriormente), mas sim, como o conjunto de condições que são moldadas em trocas reais entre os indivíduos. O diálogo significa comunicação entre diferenças numa simultaneidade. A esse respeito Bakhtin afirma que,

o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão umas das formas, é verdade que das mais importantes da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (2014, p. 127).

Podemos afirmar que a noção de diálogo está ligada à noção de alteridade. Na perspectiva de Bakhtin (2003), é na relação com o outro que adquirimos consciência de nós mesmos, e a intersubjetividade tem um papel importante na comunicação e ocorre através de um material semiótico comum, o discurso.

Nesse prisma, é necessário reiterar que para Bakhtin (2003, p. 328) “não há palavra sem dono”, a palavra, o enunciado, no momento em que é proferido, pertence a um autor (falante) e é entregue a um ouvinte que passa a ter seus direitos sobre o discurso proferido e, ao apropriar-se dele e utilizar sua atitude responsiva, deixará também suas marcas nesse enunciado.

A linguagem em sua totalidade tem a propriedade de ser dialógica, pois essas relações não se limitam apenas ao fato da conversação face a face entre interlocutores, mas sim entre discursos, já que o interlocutor só existe enquanto discurso.

Segundo Bakhtin (2003), o conteúdo da consciência possui uma natureza semiótica, ideológica e linguística, o que permite existir e se desenvolver no diálogo, mesmo que a atividade da consciência ocorra no seu interior, pois mesmo assim ela é discurso, é o diálogo do sujeito consigo mesmo. Assim, a consciência se constitui numa relação de

alteridade, que é uma realidade discursiva. Por este ângulo, tanto o discurso como a linguagem são entendidos sobre o prisma do diálogo. O princípio da alteridade se concretiza na materialidade do signo linguístico pelo diálogo, visto que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar de atualização do enunciado. O dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos. Dessa forma e diante do contexto apresentado, é importante entender o conceito de discurso na obra do filósofo, tendo em vista que esses dois conceitos estão relacionados. Para Bakhtin, discurso é,

a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que tem importância primordial para nossos fins (2003, p. 207).

Bakhtin apresenta sua concepção de discurso, ou seja, a “linguagem em ação” e também se distancia de Saussure, a quem associa ao objetivismo abstrato, o qual entendia a língua como um sistema de formas, estável e imutável abstraído das relações sociais. Para o filósofo russo, a verdadeira substância da língua é constituída justamente nas relações sociais.

Como já mencionamos acima, o dialogismo é uma das principais características que constituem a linguagem, e segundo Fiorin (2017), na obra do filósofo, o dialogismo pode ser dividido em três conceitos diferentes, que dependerão de algumas características particulares. A seguir trataremos com mais detalhes de cada um desses conceitos.

Um enunciado é sempre considerado heterogêneo, pois revela no mínimo duas posições: a sua e aquela em oposição à qual o seu discurso se constrói. É como se o discurso mostrasse o seu lado direito e o seu lado avesso. Fiorin (2017) salienta que na teoria de Bakhtin, o significado da palavra diálogo, a qual quer dizer, entre outras coisas, solução de conflitos e promoção de consenso, pode levar a pensar que o filósofo é um grande conciliador entre os homens, mas nada disso tem relação com sua teoria. As relações dialógicas podem ser contratuais ou polêmicas, de aceitação ou recusa, de acordo ou desacordo, enfim, a relação contratual com o enunciado será feita a partir da aceitação do seu conteúdo frente ao ponto de tensão dessa voz com as outras vozes sociais implicadas nessas relações, pois “se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais” (FIORIN, 2017, p. 28).

Além disso, em relação as vozes sociais, cabe ressaltar que em sua teoria Bakhtin leva em conta as vozes sociais e individuais, porém esses dois conceitos não são simples e estanques, já que a maioria das opiniões dos indivíduos é social, visto que um enunciado nunca é proferido apenas para um destinatário imediato, mas sim a outros “supradestinatários”.

Esse primeiro tipo de dialogismo é conhecido como constitutivo e diz respeito ao modo de funcionamento real da linguagem, ele não se mostra no enunciado, trata-se de uma incorporação pelo enunciador das vozes do enunciado. Por esse viés, cabe ressaltar que quando falamos em dialogismo constitutivo, logo pensamos em relações com enunciados já constituídos, passados, o que para ele é um erro, pois um enunciado sempre estabelece relação com os enunciados que o precederão e que lhe sucederão na cadeia da comunicação.

Um segundo conceito de dialogismo, segundo Fiorin (2017), é diferente do constitutivo, pois é um dialogismo que se mostra, às vezes tratando de incorporar as vozes de outros no enunciado pelo enunciador, isso através de marcas linguísticas externas e visíveis, que acabam deixando claras as presenças dessas outras vozes.

Dessa maneira, Fiorin (2017, p. 37), afirma que Bakhtin “chama isso de concepção estreita de dialogismo”, não por considerá-la menos importante, mas porque o dialogismo vai muito além dessas formas composicionais, ele é o modo de funcionamento real da linguagem e essas formas linguísticas utilizadas para absorver o discurso alheio no enunciado são maneiras de tornar visível esse princípio de funcionamento da linguagem.

É relevante destacar que há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado. A primeira delas é quando o discurso do outro é citado e totalmente separado do discurso citante, o que segundo Fiorin (2017, p. 37) chamamos de “discurso objetivado”, nesse caso podem ser usados os seguintes procedimentos: discurso direto, discurso indireto, aspas, negação, etc. A segunda forma, é quando o discurso é internalizado, não há uma separação nítida entre os discursos, nesse caso podem ser usados os recursos da paródia, estilização, polêmica clara ou velada ou ainda pelo discurso indireto livre.

Ainda podemos destacar um terceiro tipo de dialogismo, que tem a ver com o sujeito como ser integrante da sociedade, ou seja, como ser social. Já comentamos anteriormente nessa pesquisa que para Bakhtin “o indivíduo constitui-se em relação aos outros” (FIORIN, 2017, p. 60). Logo, o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação.

Baseado nos estudos de Bakhtin, Fiorin (2017, p. 60) afirma que “a consciência constrói-se na comunicação social, ou seja, na sociedade e na História”. Por isso, podemos

afirmar que apreensão que fizemos do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com o outro. Dessa forma, os sujeitos se constituem discursivamente a partir da apreensão que fazem das vozes sociais que compõem a realidade na qual estão inseridos. Como a realidade dos indivíduos é heterogênea, os sujeitos não absorvem apenas uma voz, mas várias, que estão nas mais diversas relações das quais esses sujeitos participam: família, escola, trabalho, amigos, igreja, etc. Para Fiorin (2017), no processo de assimilação, as vozes sociais são incorporadas de diferentes maneiras, por exemplo, como vozes de autoridade, que são assimiladas como uma verdade absoluta, que não podem ser questionadas, apenas aceitas, por isso são consideradas centrípetas, impermeáveis, como as vozes da igreja, do partido político, etc. Já outras vozes sociais são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas, como se fossem mais uma voz entre tantas outras, por isso são centrífugas e completamente permeáveis à incorporação de outras vozes, visto que estão abertas a mudanças.

A partir disso, Fiorin (2017) conclui que os enunciados construídos pelos sujeitos são sempre ideológicos, pois constituem-se como uma resposta às vozes que ele internaliza. Por isso, esses discursos não são uma expressão da consciência individual do sujeito, nem deslocados de uma realidade social. Desse modo, esse terceiro tipo de dialogismo mostra que é a partir das relações que estabelecemos com os discursos dos outros que compreendemos a História em que estamos inseridos, visto que cerca os nossos discursos e não pode ser considerada exterior ao sentido.

Ao analisarmos o conceito que Bakhtin tem sobre comunicação, percebemos que se difere da Teoria da Informação e acaba por antecipar muitas respostas para a comunicação verbal entre os seres humanos, pois, segundo Barros (1996, p. 29), Bakhtin consegue aprofundar suas reflexões, percebendo que “os falantes no diálogo se constroem e constroem juntos o texto e seus sentidos”.

Além disso, é possível notar que Bakhtin, ao contrário dos teóricos da Teoria da Informação, percebe a comunicação não como algo tão mecanicista, pois ele avalia que o “locutor é um ser social”. A partir dessa definição, Barros (1996) compreende que os estudiosos também começam a olhar para as noções de emissor e receptor de forma diferenciada, pois perceberam que estes não podem mais ser tomados como “caixas vazias de emissão e recepção de mensagem”, pois precisam ser considerados sujeitos preenchidos por valores e qualidades construídas na relação com a sociedade da qual fazem parte.

Levando em consideração a discussão realizada até então, cabe fazermos um comentário sobre o que Bakhtin entende por língua e discurso. Em alguns textos, mesmo tomando esses dois elementos como partes da linguagem que possuem características

diferentes, entende-se que “a língua goza de certa autonomia em relação às formações sociais, já os discursos são determinados por essas coerções sociais” (BARROS, 1996, p. 35). A linguagem analisada como língua ou como discurso é sempre dialógica e negar isso é o mesmo que apagar a relação existente entre linguagem e a vida.

A língua, diferentemente do que pensavam os subjetivistas individualistas, constitui um processo de evolução ininterrupto, realizado através da interação verbal e social dos locutores. Para Bakhtin (2014, p. 128), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Os filósofos ligados a essa corrente acreditavam que a enunciação cumpria o propósito de ser “um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual” (BAKHTIN, 2014, p. 114). Podemos até afirmar que o subjetivismo individualista é equivocado, pois ignora a natureza social da enunciação e percebe que é através da língua e por meio dela que interagimos verbalmente, seja de forma oral ou escrita.

Com base nessas afirmações, é importante destacar que o discurso só pode existir em forma de enunciados, e o estudo do enunciado como uma unidade real da comunicação discursiva nos faz entender melhor a natureza das unidades da língua.

Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008), mais precisamente no capítulo intitulado *O Discurso em Dostoiévski*, percebemos que para Bakhtin (2008, p. 207) “o discurso é a língua em sua integridade concreta, viva, e não a língua como objeto da linguística”. Logo, podemos compreender que esses termos se aproximam dentro da teoria bakhtiniana e que língua e discurso são elementos fundantes para a construção do diálogo. Nesse sentido, Travaglia (2009) ressalta que para o estudioso,

o discurso pode ser entendido como qualquer atividade produtora de efeito de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também no sentido de interação), englobando os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de sua enunciação que é regulado por sua exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades linguísticas e seu uso, sua função (2009, p.68).

Se observarmos que, como afirma Barros (1996), a linguagem para Bakhtin é dialógica e o estudo das ciências humanas tem também um método e um objeto dialógicos, logo as ideias sobre o homem e sua vida também devem ser marcadas pelo princípio dialógico. Para Barros (1996, p. 30), “Bakhtin ocupa-se da diversidade de vozes, das línguas e dos tipos discursivos”.

A compreensão de um enunciado gera um ato de resposta que não precisa necessariamente ser imediata, essa percepção também não significa apenas se posicionar sobre um enunciado, mas apropriar-se dele para então contra-argumentar.

Após a reflexão apresentada sobre conceitos-chave na Teoria de Bakhtin, podemos perceber que, como seres humanos, somos constituídos pela linguagem, pois somos seres sociais e ativos inseridos em um contexto extra verbal que nos cerca, que é constituído pelas nossas relações sociais que, por sua vez, têm importância fundamental na constituição de nossos discursos, pois sempre será marcado pela presença do discurso de outrem. Além disso, percebemos que a compreensão e a atitude responsiva também são dialógicas e que todas essas características fazem parte daquilo que conhecemos como discurso.

No próximo capítulo, dedicamo-nos a aprofundar o conceito de “Gêneros do Discurso”, para tratar, adiante, da materialidade dos nossos enunciados. Nesse segundo capítulo, também aprofundaremos outros conceitos fundamentais para esta pesquisa, tais como: o enunciado como unidade de comunicação verbal, as diferenças entre enunciado e oração e o papel do “ouvinte” nos gêneros do discurso.

3 GÊNEROS DO DISCURSO NA LINGUAGEM HUMANA

Neste terceiro capítulo abordaremos o conceito de Gêneros do Discurso na perspectiva de Bakhtin (2016), a fim de definir e aprofundar este conceito que por vezes é entendido e trabalhado, principalmente na escola, de forma simplista e equivocada. As reflexões acerca deste conceito são fundamentais para que possamos aprofundar a reflexão em torno desse tema, de modo a contribuir posteriormente para a análise do *corpus* escolhido.

Segundo Marcuschi (2008), a origem do estudo sobre gêneros é muito antiga e se concentrava na literatura, visto que a expressão gênero, na tradição ocidental, esteve especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para depois se firmar com Aristóteles. Segundo Marcuschi (2008, p. 147), “a noção de gênero atualmente não se vincula apenas a literatura, mas sim a uma categoria distinta de discurso, de qualquer tipo, oral ou escrita, com ou sem aspirações literárias”.

Observamos que foi com Aristóteles que surgiu uma teoria mais sistemática sobre gêneros e sobre a natureza do discurso. Segundo Marcuschi (2008), Aristóteles em sua obra “Retórica”, associa três gêneros do discurso retórico: o discurso deliberativo, o discurso judiciário e o discurso demonstrativo. Essa visão e estrutura dos gêneros foi amplamente desenvolvida na Idade Média.

Hoje podemos afirmar que o estudo dos gêneros está muito atual, mas numa perspectiva diferente da aristotélica, pois ganhou mais popularidade, sendo estudada por diversas áreas do conhecimento. Muito disso se deve aos estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo, pois foram suas ideias que influenciaram o que hoje conhecemos melhor por Gêneros do Discurso.

Como já foi tratado nesse estudo, é de Mikhail Bakhtin (2003) a afirmação de que nós nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros do discurso, ideia corroborada por Marcuschi (2008), para quem não há comunicação que não seja feita através de algum gênero.

Para Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana”. E esses enunciados são materializados nos gêneros do discurso. Muito tem-se discutido a respeito do significado de gênero do discurso” e separadamente, gênero e discurso. Segundo Rojo (2015), gênero está ligado à forma, ao

linguístico, a um agrupamento que segue certos procedimentos, e “discurso” refere-se à enunciação, à interação pela linguagem. A autora define que,

[...] gênero dá forma, sim, mas a um discurso, a uma enunciação. Isso porque o que interessa aos autores é o tema ou a significação das enunciações, dos discursos viabilizados pelos textos ou enunciados, ou seja, a significação/tema prenhe da ideologia e da valoração, único fim de um enunciado vivo (2015, p. 42).

No entanto, foi Bakhtin (2003, p. 262) que apresentou em seus estudos o conceito de gênero do discurso, pontuando que “cada campo da utilização da língua elabora seus tipos estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

A diversidade de gêneros do discurso é infinita, pois são inesgotáveis as formas de comunicação da atividade humana e em cada campo dessa atividade existem gêneros do discurso que se proliferam e modificam, conforme se desenvolvem essas formas de comunicação. Essa nova concepção acerca dos gêneros só foi possível a partir dos estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (2016) que se dedicou ao estudo da linguagem entendida como um processo de interação verbal que dá importância ao interlocutor e faz dele também um elemento da comunicação a ser considerado no ato da comunicação, que ajuda, inclusive, a construir os objetivos do gênero que será produzido.

É relevante destacar que para Bakhtin (2003), nós usamos os gêneros do discurso sem suspeitar da sua existência, até mesmo em um bate papo descontraído acabamos nos adequando a determinados gêneros. Na verdade, todo o ato de produzir um enunciado será moldado a um determinado gênero que escolheremos no momento em que iremos proferir este enunciado e essas escolhas dependerão muito do momento, dos participantes, do tema que abordaremos, enfim, iremos sempre moldar nossos enunciados a tipos relativamente estáveis de enunciados mesmo sem nos darmos conta disso.

É claro que com o passar do tempo os gêneros sofreram atualizações. Como já afirmamos, não faz mais sentido, nos dias atuais, imaginar que a única noção de gênero está associada à dos gêneros literários, construção teórica desenvolvida pelos gregos. Atualmente, em uma sociedade moderna, ágil e sem tempo para quase nada, a comunicação e os meios pelos quais nós nos comunicamos precisam também ser ágeis para atender as nossas necessidades. A este respeito, Bakhtin (2003, p. 106) diz que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Esta passagem, de certa forma, reitera o que Bakhtin compreende como enunciados “relativamente estáveis”.

Um exemplo muito prático desta “adaptação” dos gêneros ao estilo de vida da sociedade é pensarmos no gênero “carta” muito utilizado em outras épocas. Hoje, a carta não deixou de existir, mas perdeu espaço para outros meios de comunicação mais rápidos e

dinâmicos, principalmente com o uso da tecnologia. Com isso, podemos observar que houve, na verdade, uma atualização do gênero para atender às necessidades da sociedade moderna.

Podemos, ainda, perceber que cada situação de comunicação exige o uso de um determinado gênero. A esse respeito Bakhtin diz que,

cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (1997, p. 284).

O estudioso acaba por justificar o aparecimento de novos gêneros, por causa dessas novas esferas das atividades humanas, que acabam por exigir finalidades discursivas bem específicas. Esta grande heterogeneidade fez com que o filósofo russo sugerisse uma primeira classificação para os gêneros do discurso, dividindo-os em dois grupos: os primários e os secundários.

Segundo o filósofo russo, os gêneros do discurso considerados primários estão relacionados às situações comunicativas do cotidiano, ou seja, informais, podemos aqui citar como exemplo o bilhete e o diálogo cotidiano. Já os gêneros secundários, que são geralmente mediados pela escrita, são os que aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como o teatro, o romance, as teses científicas, etc.

Na verdade, analisando as duas divisões feitas por Bakhtin (2016), podemos perceber que as duas possuem uma mesma essência, ambas são compostas por enunciados verbais, o que as diferencia é o momento e a situação de comunicação.

No entanto, se fizermos uma análise do processo de criação de alguns textos classificados como gêneros secundários, veremos que eles absorvem alguns elementos dos gêneros primários. Um exemplo bem ilustrativo disso é quando, dentro de um romance, são apresentados trechos de um diálogo entre as personagens.

Além dessa divisão sobre gêneros, Bakhtin também faz importantes reflexões acerca dos conceitos de enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados que existem nas mais variadas esferas das atividades humanas. Para tanto, Bakhtin (1997, p.282) afirma que “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam. E é também através desses enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Ao referir-se à questão da língua, o filósofo russo ressalta que

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os

modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (2003, p. 290).

Por esse prisma, faz-se necessário lembrar que enquanto meio vivo e concreto, a palavra nunca é única. Ela pode ser considerada única enquanto um sistema gramatical abstrato, mas enquanto entidade, a língua se constitui de uma evolução histórica. Para Bakhtin (2010), os elementos da língua sempre adquirem o “perfume” específico do gênero dado àquela situação comunicativa.

Sobre a língua, podemos ainda destacar que em cada época histórica da vida, seja verbal ou ideológica, cada geração e cada camada social terá uma linguagem e vocabulário específicos que irão se organizar dependendo das relações sociais, idade e outros fatores que influenciam na dinâmica do uso da língua. Diante de tais premissas, Bakhtin (2010) ainda afirma que a linguagem é “pluridiscursiva”, ou seja, existem muitas linguagens dentro de uma mesma língua.

Dessa maneira, podemos observar que estudar o discurso em si mesmo e não considerar os aspectos externos que fazem parte de sua constituição é uma incoerência. O discurso vive para fora de si mesmo e precisamos estar atentos a essa característica. Para Bakhtin (2010), a língua não conserva mais palavras concebidas como “neutras, que não pertencem a ninguém” ela é penetrada de intenções, logo reiteramos que a língua não pode mais ser considerada apenas um sistema abstrato de formas normativas, mas como um sistema vivo que evoca sentidos.

A partir de tais pressupostos defendidos por Bakhtin (2010), é importante destacar e refletir um pouco sobre três conceitos: língua, gêneros do discurso e enunciado, pois podemos perceber que, para esse filósofo, esses três elementos estão interligados para que assim aconteça uma comunicação de forma eficiente.

Desse modo, fazer algumas considerações a respeito desse tema justifica-se, pois a análise proposta nesta dissertação se dá através de um material linguístico concreto, portanto iremos lidar com enunciados tangíveis que irão se relacionar com as diferentes manifestações humanas de uso da comunicação.

Segundo Bakhtin (2003), não importa se o enunciado é oral ou escrito, podemos observar que ele sempre será considerado uma situação de comunicação que é extremamente individual, trazendo consigo características dessa particularidade. Mas não podemos generalizar e dizer que todos os enunciados carregam marcas da singularidade, os

mais propícios são os enunciados pertencentes aos gêneros literários, além disso, os que têm uma menor condição de carregarem essas marcas são os gêneros mais formais, como os documentos oficiais.

Para que se realize estudo aprofundado da definição do estilo geral ou individual do enunciado, é necessário fazer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso. O estilo está automaticamente relacionado às unidades temáticas determinadas e entra como um elemento na unidade de gênero de um enunciado.

Segundo Bakhtin (2003), a Academia, ao publicar as gramáticas que enumeram as variedades estilísticas, acaba por tornar a classificação dos estilos de uma forma pobre e não diferencial, pois tal categorização resulta de uma incompreensão da natureza dos gêneros e dos estilos da língua e da ausência de uma visão que compreende os gêneros segundo as atividades humanas de comunicação. Logo, para o filósofo russo, essa classificação não tem nenhuma utilidade a não ser criar caixas para separar os estilos, mesmo sem contemplar todas as esferas da comunicação humana.

Não podemos separar as mudanças históricas ocorridas no estilo da língua, das mudanças que acontecem nos gêneros do discurso ao longo dos tempos. A língua escrita corresponde a um conjunto dinâmico, constituído pelos estilos da língua. Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso, não só pelos gêneros secundários, mas também pelos gêneros primários.

Para Bakhtin (2003), como os gêneros estão vinculados às situações sociais de interação, eles são constituídos de duas partes importantes: a dimensão linguístico-textual e a dimensão social. Diante disso, não podemos visualizar os gêneros apenas como produtos, mas como processos que envolvem dinamização, interatividade e flexibilidade, pois usamos a linguagem desta forma, a nossa comunicação é consequência do modo como atuamos sócio-discursivamente e está carregada de valor que se manifesta em todas as situações discursivas.

Assim, o gênero discursivo não é composto apenas de uma estrutura linguística rígida e estanque, mas é dotado de conceitos e manifestações sociais que se modificam ao passar dos anos, evoluindo assim como a sociedade. Por isso, para que haja a interação, é necessário tanto o domínio das formas da língua quanto das formas do discurso. Isto é, o domínio dos gêneros do discurso. Marcuschi (2005, p. 19) afirma que os gêneros textuais são considerados como “entidades sócio-discursivas”, visto que são formas de ação social. Por conseguinte, eles são formas de comunicação que atendem às necessidades do ser humano e que recebem influência do contexto histórico e social, podendo se modificar e até deixar de existir.

Nos deparamos com textos diversos, em todos os lugares, o tempo todo. Com o uso constante da tecnologia, então, isso se intensifica. Por esse viés, podemos afirmar que nossa vida é permeada por textos, sejam eles orais e escritos, verbais ou não-verbais. É por meio de textos que nos comunicamos, e a comunicação é condição indispensável ao ser humano.

Diante das perspectivas apresentadas e tendo como base os estudos de Bakhtin, percebemos que para compreender o conceito de gênero do discurso é necessário entender o conceito de enunciado.

Como já foi tratado nesse capítulo, o enunciado é uma unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que só pode existir na forma de elementos concretos, pertencentes a um sujeito discursivo e a uma esfera da atividade da comunicação humana. Logo, podemos afirmar que cada enunciado se constitui como um novo acontecimento, um novo evento dentro da comunicação discursiva. Mas o enunciado também pode representar um elo na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva mantendo relações dialógicas com outros enunciados.

Dessa forma, podemos afirmar que, para Bakhtin (2003), o estudo do homem (social) e da sua linguagem só pode ser feita a partir dos enunciados concretos que ele criou, pois a constituição social do homem e da sua linguagem é mediada pelos enunciados.

É importante salientar que, para Faraco (2009), o signo é a significação dos enunciados e sempre tem uma dimensão valorativa, também expressa um posicionamento social, ou seja, qualquer enunciado será sempre ideológico. Essa ideia do autor reafirma sua posição da relação constitutiva entre linguagem e ideologia. Onde há ideologia, há signo, onde há signo, há ideologia, e tudo que é ideológico se manifesta através de um material semiótico. A linguagem, portanto, reflete a ideologia.

Cabe aqui fazermos uma breve pausa nas reflexões sobre a linguagem, para explicarmos o que o Círculo entende pelo termo ideologia/ideológico, pois muitas vezes essa expressão é interpretada de forma errônea.

Conforme Faraco (2009), a ideologia é um termo usado para designar o universo de produtos do “espírito” humano, aquilo que é chamado de cultura imaterial. Diante disso, ideologia é o nome que o Círculo costuma dar ao universo de produções que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política. O que é ideológico (todos os produtos da cultura dita imaterial) possui significado, logo são signos. Além disso, sem signos não existe ideologia.

Seguindo nossas reflexões, acreditamos que, para melhor compreender o conceito de gêneros do discurso, é preciso aprofundar o conceito de enunciado, o que faremos na seção a seguir.

3.1 O enunciado como unidade de comunicação verbal

Segundo Bakhtin (2016), há uma espécie de confusão da terminologia sobre o que é enunciado, até porque há um desconhecimento sobre esta temática. Para o filósofo russo, o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos, que serão elaborados por sujeitos do discurso, em uma determinada esfera comunicativa.

Na parte introdutória desta pesquisa já comentamos que o emprego da língua só se efetua através de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, proferidos sempre por participantes de um certo campo de atividade humana, esses enunciados sempre serão organizados nos gêneros do discurso.

O enunciado não é uma unidade considerada convencional, mas sim uma unidade real que é delimitada pela alternância dos sujeitos, mesmo que essa alternância não seja imediata é o que cria no enunciado os limites nos diversos campos de atividade humana e da vida.

Diante disso, reiteramos que o enunciado não pode ser considerado uma unidade convencional, classificada assim como a Academia o faz, ou seja, como um elemento formado por orações, frases, sílabas e fonemas, mas sim como uma unidade real do processo de comunicação verbal, que é delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e pela transferência da palavra ao outro.

Ao pensarmos na constituição do enunciado, não podemos imaginar que ele seja apenas composto de uma dimensão verbal, visto que, também faz parte da elaboração do enunciado a sua situação de interação que se refere ao tempo e ao espaço histórico no qual foi constituído. Esses elementos são fundamentais para a compreensão dos “sentidos” do enunciado.

Bakhtin (2016) afirma que nós sempre moldamos nosso discurso dentro de um determinado gênero do discurso, e que quando ouvimos o discurso alheio, já nas primeiras palavras, podemos identificar as características desse discurso, como o volume, a construção composicional, entre outros. Isso só acontece em função da existência dos gêneros do discurso e porque, mesmo sem perceber, dominamos as características e formas de composição dos gêneros. Dessa maneira, destacamos que as formas do gênero, através das quais moldamos o nosso discurso, irão se diferenciar das formas da língua.

Todo o discurso, conforme Bakhtin (2016), será organizado por meio enunciados que podem variar pelo seu volume, conteúdo, construção composicional, estilo, mas antes

de tudo eles têm em comum algumas estruturas e limites. Alguns desses limites são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, dos falantes.

Outro elemento constitutivo do enunciado é o conteúdo temático, o qual está fundamentado em vínculos dialógicos que o enunciado estabelece com outros textos, uma vez que “os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos, uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Cada enunciado é pleno de ecos de outros enunciados aos quais está ligado pela situação da comunicação discursiva.

O conteúdo temático corresponde ao conjunto de temas que podem ser abordados por um determinado gênero. Não podemos confundir conteúdo temático com “assunto”, mas como as inúmeras possibilidades de temas que podem ser tratados em um dado gênero. O conteúdo temático tem como finalidade provocar uma reação no leitor, garantindo a compreensão e a reação na relação dialógica. É necessário perceber que, ao compor seu enunciado, o sujeito não tem como foco apenas o tema ou assunto, nomeado como “objeto” na expressão de Bakhtin (2003). O enunciador leva em conta também outras enunciações que estão correlacionadas ao tema ou assunto de que trata seu texto. O enunciado não pode ser entendido apenas levando em conta o conteúdo centrado no objeto ou no sentido, visto que a expressão do enunciado sempre irá “responder”, ou seja, mostrar a relação do falante com os enunciados dos outros.

Outro elemento de muita relevância na constituição de um enunciado é a construção composicional que, para Bakhtin (2016), seria uma espécie de “modelo” ou forma que o enunciado adquire dentro de um dado gênero discursivo em uma situação comunicativa. Implica a estrutura e organização do enunciado produzido por um falante, ou seja, as palavras assumem um determinado valor conforme são empregadas pelo autor/locutor na busca da aceitação do leitor/ouvinte. Também, o estilo e a composição de um enunciado são sempre determinados pelo “elemento semântico-objetual” e também pela relação do falante com esse elemento.

O estilo do enunciado, portanto, seria composto pelo sistema da língua, o objeto do discurso e sua relação de valor com esse objeto. De acordo com o filósofo russo (2016), o estilo está inteiramente ligado ao enunciado e suas formas, ou seja, aos gêneros do discurso, pois todo o enunciado, seja ele oral ou escrito, primário ou secundário e pode refletir a individualidade do falante, ou seja, pode ter um estilo individual. Cabe lembrar, entretanto, que nem todos os gêneros são propícios a mostrarem essa individualidade, os mais favoráveis acabam sendo os gêneros da literatura de ficção. Podemos também observar que

o estilo também depende do modo como o “falante” compreende e percebe seu destinatário e do modo como ele prevê sua atitude responsiva.

Bakhtin afirma por diversas vezes que “todo o enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (2016, p. 57), por isso irá apresentar limites que serão estipulados pelos sujeitos do discurso, justamente na situação de alternância dos sujeitos, pois o discurso irá refletir os enunciados do outro.

É relevante destacar que todo enunciado, desde um diálogo cotidiano até um grande romance, terá um início e um fim absoluto. Não podemos afirmar que nosso enunciado é inédito, pois sempre carregamos nele um pouco dos enunciados anteriores, dessa forma, o enunciado produzido por nós também será matéria-prima para elaboração de outros enunciados. É por isso que Bakhtin (2016) afirma, como vimos no primeiro capítulo, que em matéria de discurso não somos uma espécie de “Adão Bíblico”, que está pela primeira vez, tendo contato com aquele enunciado considerado “virgem” o qual ele nomeará pela primeira vez; pelo contrário, nossos enunciados sempre irão carregar marcas de enunciados de outros.

Quando terminamos o nosso enunciado sempre deixamos espaço para a resposta do outro, mesmo que essa resposta não seja imediata, como, por exemplo, nos romances e outras obras literárias. Já nos diálogos cotidianos, é onde podemos analisar a questão da réplica, ou segundo Bakhtin (2016), posição responsiva ou atividade responsiva ativa com maior frequência e de forma mais imediata.

Sempre que produzimos um enunciado, esperamos de alguma forma uma “resposta” do nosso interlocutor, essa “resposta” pode ser harmônica ao enunciado ou simplesmente rejeitá-lo. Cada enunciado é pleno dessas atitudes responsivas e nossas palavras sempre são carregadas de “intenções”.

Segundo Bakhtin (2010, p. 90), “na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa”, visto que estará sempre ligada à ideia da resposta, pois não pode existir uma sem a presença da outra. Ademais, a compreensão passiva do significado linguístico não pode ser considerada propriamente uma compreensão, ela é apenas um momento abstrato, permanecendo puramente passiva, receptiva e não acrescentando nada de novo para a compreensão do discurso. O ouvinte, com sua compreensão passiva, não corresponde ao participante real da comunicação discursiva, visto que a compreensão deve se dar no plano da abstração e não no plano real.

Conforme mostramos no primeiro capítulo desta pesquisa, ao produzir um discurso estamos sempre aguardando uma “resposta” mesmo que não imediata, dessa forma, a compreensão ativa é que funda o processo do discurso.

É importante compreender, a partir de Bakhtin, que as relações estabelecidas entre as réplicas de um diálogo, como perguntas e respostas, afirmações e concordância, ordem e execução são impossíveis de acontecerem entre o que chamamos de unidades da língua (palavras e orações). Essas relações são específicas entre os enunciados dentro do processo de comunicação, pois para Bakhtin (2010), a enunciação é uma atividade intrinsecamente dialógica.

Na sequência do trabalho, abordaremos as diferenças de enunciado e oração como unidade da língua, segundo a teoria desenvolvida por Bakhtin, a fim de compreender porque o filósofo russo afirma que a oração é uma unidade significativa da língua, mas não é, por si só, uma unidade de interação verbal.

3.2 Enunciado e Oração: o que os diferencia no processo de comunicação discursiva

Entender a natureza da oração é uma das questões mais difíceis dentro do processo da comunicação discursiva. A oração, enquanto unidade da língua, segundo Bakhtin (2016, p. 33) “tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade”. Já o enunciado é uma unidade de sentido, pela qual se pode tomar uma atitude responsiva e que se relaciona com a situação de interação.

A oração não tem plenitude de sentido, não determina por si só uma atitude responsiva, não apresenta contato com a realidade extra verbal, ela basicamente se relaciona com outras orações. Para o filósofo russo (2003), a oração, assim como a palavra, é uma unidade significativa da língua, é um pensamento relativamente acabado.

A oração, em seu contexto, não tem capacidade de determinar uma resposta, só vai adquirir essa propriedade no todo do enunciado, pois a oração que se torna um enunciado adquire novas qualidades e particularidades que não pertencem mais somente a oração, mas sim ao enunciado, pois segundo Bakhtin, “as pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras, ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos” (1997, p. 297).

Nesse sentido, podemos afirmar que a oração carece da capacidade de determinar respostas, visto que ela não alimenta a alternância dos sujeitos, a oração só vai adquirir essa característica quando no conjunto do enunciado.

A oração, segundo Bakhtin (2016), não tem expressividade, ela é neutra. A expressividade seria uma característica do enunciado, visto que a oração só adquire entonação expressiva no conjunto da enunciação. O elemento significativo do enunciado é, sem dúvida, um dos elementos constitutivos da enunciação. Logo, se uma palavra isolada é

pronunciada com entonação expressiva, já não pode mais ser considerada apenas uma palavra e sim um enunciado acabado e expresso por uma palavra.

É por isso que quando escolhemos as palavras que irão formar nosso enunciado estamos fazendo escolhas valorativas, de juízos emocionais de acordo com o que queremos expressar e, principalmente, de acordo com o que aguardamos como resposta, já que todo o enunciado é um elo na cadeia da comunicação e irá suscitar uma alternância de sujeitos.

Ainda sobre a questão valorativa da palavra, cabe salientar que o homem, dependendo do círculo social que frequenta e da época que vive, estará sempre cercado de enunciados que darão o tom que as pessoas irão seguir ao proferir seus enunciados.

Diante disso, Bakhtin (2003, p. 294) afirma que “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. Logo, as palavras dos outros trazem consigo a sua expressão e o seu tom que passamos, muitas vezes, a assimilar e a utilizar em nossos discursos.

Como também já afirmamos anteriormente, cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado e deve ser visto como uma resposta a um enunciado já proferido antes. A alternância dos sujeitos no discurso, segundo Bakhtin (2016), é um elemento importante, pois é a primeira peculiaridade que caracteriza o enunciado como uma unidade da comunicação discursiva.

A segunda particularidade que caracteriza esse enunciado como unidade da comunicação discursiva é o que ele chama de conclusibilidade, um elemento interno a essa alternância dos discursos que determina as condições que possibilitem responder a ele, como, por exemplo, cumprir uma ordem dada.

O terceiro e mais importante elemento, é a forma estável dos gêneros do enunciado, pois “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Diante dessa premissa, o estudioso afirma que,

a língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 2003, p. 282-283).

Logo, sobre esse prisma podemos afirmar que aprender a falar significa aprender a construir enunciados, pois nos comunicamos por meio de enunciados e não por orações ou palavras isoladas. Observamos também que os gêneros do discurso organizam a nossa atividade discursiva, se eles não existissem ou tivéssemos que criá-los pela primeira vez em todos os momentos de comunicação, o ato de comunicar seria quase impossível.

3.3 O papel do “ouvinte” nos Gêneros do Discurso

Outro elemento importante na análise dos gêneros do discurso é o papel do destinatário que recebe e compreende a significação de um discurso, que exerce um papel ativo, conforme explica Bakhtin (2003), alguém que assume uma atitude “responsiva ativa”, pois durante o processo concorda ou discorda, faz interferências e esta atitude do “ouvinte” se dará por todo o processo de audição do discurso. A compreensão de uma fala passa sempre por uma atitude responsiva ativa.

Bakhtin afirma (2003, p. 301) que “o papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande”, pois é a partir desse outro que o enunciador irá organizar o gênero que vai utilizar em seu discurso e o estilo do enunciado.

É como se desde o início da construção do enunciado, o falante estivesse esperando pela resposta e contribuição deste “outro” que participa do ato de comunicação discursiva. Diante desse aspecto, Bakhtin afirma que,

um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento. A diferença das unidades significativas da língua -palavras e orações- que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão, do que já falamos) e destinatário (2003, p. 301).

Logo, percebemos que o ato de produzir enunciados e, por consequência, de se comunicar está intimamente atrelado ao seu destinatário, pois precisamos dele para construir uma efetiva comunicação discursiva.

Cada gênero do discurso, independente de qual for o campo de comunicação discursiva, acaba tendo uma concepção de destinatário que vai determinar o gênero, o qual realiza a vontade discursiva do falante, a ser utilizado naquela situação.

Importante mencionar que, no Brasil, o termo “Gêneros do Discurso” começou a ficar conhecido a partir de mil novecentos e noventa e sete com a publicação do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Já na sua apresentação, os PCNs orientam que “o domínio da língua oral ou escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica” (1998, p. 15). É no transcorrer das normas deste documento que aparece a definição de que o trabalho com a língua na escola deve ser realizado através do trabalho com os gêneros do discurso.

Essa popularização do termo “Gêneros do Discurso” trouxe pelos menos duas situações que nos levam a refletir: a primeira delas, motivo de comemoração, foi a ideia de tornar o termo conhecido por uma maior quantidade de pessoas, inclusive fora do âmbito

acadêmico. A segunda situação, por outro lado, nos leva a perceber que esse conceito também passou a circular na escola de educação básica sem a devida fundamentação teórica, o que faz com que seja tratado de forma simplista, subaproveitando as potencialidades que um bom trabalho com os gêneros pode promover.

Segundo os PCNs, “todo o texto se organiza dentro de um gênero. Os variados gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados” (1998, p. 26). Essas “formas relativamente estáveis” sempre serão determinadas de forma sócio-histórica. Mas a partir das considerações feitas, baseadas nos estudos realizados, principalmente por Bakhtin e seu Círculo e, no Brasil, por Marcuschi, podemos perceber que os gêneros do discurso fazem parte da nossa vida muito antes de entrarmos na escola, eles nos são dados quase como nos é dada a língua materna, conseguimos facilmente dominar e identificar alguns gêneros do discurso de forma natural.

Os gêneros são processos dinâmicos que vão se atualizando com a sociedade, pois fazem parte dela, já que a comunicação discursiva é um elemento imprescindível para viver em sociedade. Logo, também podemos entender a definição dada por Bakhtin (2003) de que os gêneros são formas “relativamente estáveis”, isso salienta a ideia de que os gêneros não são estáticos no momento histórico em que se encontram, eles evoluem, mas continuam como um elemento indispensável ao processo de interação discursiva.

Depois de aprofundarmos o conceito de gêneros discursivos, de entendermos a diferença do enunciado e da oração e percebermos o papel do ouvinte nos gêneros do discurso, nos dedicaremos, no terceiro e próximo capítulo, a entender outros conceitos que nortearão a nossa pesquisa, tais como o conceito de polêmica e suas definições, quais são as modalidades de polêmica, e como estes conceitos irão colaborar para a análise do *corpus* selecionado.

4 A MANIFESTAÇÃO DA POLÊMICA NO DISCURSO

Neste momento do trabalho, faz-se necessário retomar o principal objetivo dessa pesquisa que se configura em analisar enunciados midiáticos, investigando características constitutivas que possam torná-los polêmicos a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos, desse modo, é necessário aprofundar os conhecimentos acerca do que é a polêmica. Assim, neste capítulo, apresentaremos os conceitos de discurso polêmico, interação polêmica, dicotomia e polarização desenvolvidos por Ruth Amossy na obra “Apologia da Polêmica” (2017), na qual a autora aprofunda o fenômeno discursivo chamado polêmica e suas funções sociais. O estudo desse fenômeno irá contribuir de forma expressiva para analisarmos o *corpus* desta pesquisa.

A palavra polêmica nunca foi tão reproduzida como nos dias atuais. Conforme as concepções de Amossy (2017), a polêmica é utilizada, muitas vezes, de forma negativa e carrega consigo uma má reputação. Tudo isso porque fizemos uma interpretação equivocada deste termo. Atualmente, podemos afirmar que a mídia e, principalmente, as redes sociais são as principais responsáveis de orquestrar e difundir uma infinidade de polêmicas de assuntos ditos de interesse público.

Mas, se a polêmica é algo que não deveria merecer tanto destaque, pois é considerada ruim, como ela vem conquistando cada dia mais espaço nas mídias e no espaço público? Tal aspecto pode ser explicado devido à dificuldade da nossa sociedade, entendida como pessoas políticas, seguirem algumas regras do debate racional, sem deixar suas paixões falarem mais alto também isso pode ser explicado pela curiosidade que o público dessas mídias tem pelo espetáculo da violência verbal.

De acordo com Amossy (2017, p. 8), “estamos na sociedade do espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas - podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores - e não porque elas nos façam refletir”. O que importa na maioria das discussões não é o problema social tratado pela polêmica, mas sim o fenômeno que ela desencadeia. Logo, esse seria um fator que faz com que a polêmica esteja tão presente no nosso cotidiano.

Em sociedades democráticas pluralistas, como a que vivemos, o acordo está longe de ser algo possível, sempre haverá opiniões contraditórias. Logo, a polêmica deve ser considerada um fenômeno da nossa sociedade, é a partir da observação do seu funcionamento no nível discursivo argumentativo e através das suas funções sociais que poderemos entender melhor como ela se manifesta e em que medida ela orienta nossa forma de pensar ou agir enquanto sociedade. Para compreender a polêmica, é necessário conhecer a relação entre esta e o conceito de dissenso. É o que faremos a seguir.

4.1 A polêmica e o dissenso

Na concepção de Amossy (2017, p. 17), “a dissensão vai muito além de um simples desacordo. Segundo o *Dictionnaire culturel de la langue française*, dissenso significa uma divisão profunda e violenta de sentimentos, de interesses e convicções”. Podemos afirmar que dissenso seria um termo que carrega o sentido contrário de consenso (acordo social conforme o desejo da maioria), logo, em sociedades como a nossa, onde se busca encontrar o consenso, as grandes manifestações de dissenso que observamos salientam a ideia de fracasso com relação ao objetivo de unir as pessoas em torno de uma opinião comum, e também se apresenta como a causa de todos os males.

Não podemos negar que as divergências de opiniões e as discussões contraditórias são importantes e necessárias para a sociedade. Entretanto, de acordo com a estudiosa, as sociedades democráticas entendem que as divergências devem ser etapas a serem superadas em busca de um possível consenso. Dessa forma, a polêmica, como choque de opiniões antagônicas, ganha um status de “primo pobre”.

Amossy (2017, p. 19) defende a ideia de que “a retórica argumentativa advinda da tradição aristotélica se apresenta como a arte de negociar as diferenças para chegar a um acordo”. Por isso, o dissenso seria uma espécie de motor incontestado da democracia. Mas a retórica como tal apresenta a necessidade de encontrar, através da interação verbal, um ponto em comum que permita ultrapassar as diferenças e fazer com que se chegue a um acordo. Mas é justamente nessa busca de um acordo que intervém a deliberação, que acaba por se concretizar no debate e no discurso político, (entenda-se política aqui como tudo o que se refere aos assuntos públicos). A retórica, de toda a forma, tenta não ser confundida com a erística que era considerada a arte da discórdia que deveria ser combatida, portanto uma “arte indigna e sem a sabedoria da disputa” (AMOSSY, 2017, p. 21).

Já na chamada Nova Retórica, defendida por Chaim Perelman (2013), o acordo ganha lugar privilegiado, pois nessa perspectiva buscava-se sempre o consenso. Por essa razão, a busca pelo consenso compreende questões tanto filosóficas como sociais. Por isso, para Amossy (2017, p. 22), na nova retórica “o dissenso deve ser superado a todo custo, sob pena de falhar aos critérios da razão e de fazer a comunidade afundar na discórdia e na divisão”.

Em resumo, podemos dizer que nas teorias defendidas pela retórica, o consenso é privilegiado em detrimento do dissenso, e este deve ser considerado apenas como um ponto de partida para a resolução de um conflito. No entanto, percebemos que essa não é a mesma ideia defendida por Amossy (2017), pois, como já mencionamos, a autora considera o dissenso importante para a evolução social das sociedades democráticas.

Assim sendo, podemos observar que o dissenso está longe de ser considerado como uma força negativa. Se analisarmos o dissenso numa perspectiva marxista, que é desenvolvida por algumas correntes da sociologia de conflitos, ele é considerado indispensável à evolução social. Dessa maneira, avaliamos que a discórdia tem seu lado negativo nas relações interpessoais, mas é considerada funcional nos grupos sociais em que as forças convergentes e divergentes estão sempre em interação. É relevante destacar ainda que, para Amossy (2017, p.35), “o conflito e o dissenso estão no coração do processo democrático, como seu próprio motor”.

A partir das reflexões feitas pela autora e também por outros estudiosos citados por ela ao longo da sua obra, vimos que o dissenso gera opiniões diversas, o que deve ser analisado por nós com muito cuidado. Diante de tais pressupostos, na sequência, seguimos o estudo sobre a polêmica, onde explanaremos suas características, buscando defini-la.

4.2 Mas afinal o que é a polêmica?

No nosso dia a dia os confrontos verbais são numerosos e podem ser nominados de formas variadas, como debate, discussão, briga, mas o termo mais utilizado normalmente é, sem dúvida, polêmica.

Mas afinal o que é a polêmica? Para Amossy (2017), no que diz respeito ao conceito que encontramos nos dicionários de Língua Portuguesa, o termo “polêmica” está ligado à ideia de um debate vivo e agressivo que transforma a interação verbal em um combate que consiste em vencer um outro pela violência, dando ao seu interlocutor um status de inimigo a ser combatido e condenando-o a uma morte simbólica.

Como a polêmica é vista por alguns de forma negativa, onde ela seria apenas uma resposta carregada de um contexto passional, acreditava-se até que ela não deveria ser percebida como uma argumentação, mas sim como uma pseudoargumentação.

É pertinente ressaltar que a polêmica surgiu em domínios diversos, mas, no seu princípio, foi reservada à teologia; hoje, sobretudo, são às questões políticas que esse termo está mais relacionado. Além disso, para que um assunto seja considerado uma polêmica ele deve ser de interesse público, para que não se torne apenas uma discussão ou uma disputa entre particulares.

4.2.1 A Polêmica como modalidade argumentativa

Como a polêmica se faz presente em muitos discursos atualmente, será que podemos vê-la como uma modalidade argumentativa? As contribuições deixadas por Amossy (2017) defendem que sim, e é possível ressaltar algumas marcas que caracterizam tal afirmação. A primeira é mostrar que toda polêmica apresenta uma oposição de discursos. O antagonismo das opiniões e o confronto fornecem a ideia inicial de colocar dois discursos em ação, o que supõe o caráter dialógico, característica constitutiva do discurso, como preconizado por Bakhtin. Esse antagonismo constitui-se através da atividade de colocar dois discursos em oposição, trazendo argumentos em favor da sua tese

e desqualificando a outra, aspecto que forma o discurso polêmico e faz com que esse discurso pertença ao campo da retórica argumentativa.

Amossy (2017) afirma que a divergência e a confrontação dos pontos de vista são o que se pode chamar de traços definitórios da polêmica, pois são exatamente estes que caracterizam a argumentação, pois a polêmica como modalidade argumentativa atravessa os gêneros discursivos.

Ao analisar a polêmica como uma modalidade argumentativa, percebemos que ela carrega consigo algumas características como a dicotomização e a polarização, elementos que serão abordados com maior ênfase a seguir.

4.2.1.1 Dicotomia

Podemos perceber, num primeiro momento, que a polêmica se distingue do simples debate no que diz respeito ao conflito. Amossy (2017, p. 53) defende a ideia de que “nem toda a situação conflitual ocasiona uma intervenção polêmica, mas, com certeza, toda a fala polêmica é oriunda de um conflito”. É importante destacar a expressão “oriunda do conflitual”, pois ela sugere, segundo a autora, que o conflito não está apenas dentro da polêmica, mas também está fora dela. Nessa perspectiva, a polêmica é considerada como uma manifestação discursiva sob a forma de um embate de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Logo, se há um choque de opiniões contraditórias, é porque essa oposição de discursos na polêmica é uma clara dicotomização.

Para Amossy (2017, p. 53) “a dicotomização se caracteriza por radicalizar o debate, tornando-o difícil, às vezes impossível de resolver”. No entanto, no debate argumentado, diferentemente, supõe levar os participantes a uma possível solução.

Podemos tomar como exemplo a dicotomia direita/esquerda, hoje tão presente em nossa sociedade. Nosso próprio *corpus* de estudo acaba fazendo parte desta dicotomia, pois as falas, que foram recortadas e serão analisadas como *corpus*, representam um discurso da direita ultraconservadora e que não é aceito tanto pelos que se entendem como “moderados”, tanto pelos que se dizem à esquerda, e também por muitos que não se posicionam de lado algum dessa dicotomia. Na concepção de Amossy (2017, p. 54), “construir oposições como dicotomias, ou seja, como pares de noções excludentes uma da outra, sem possibilidade de compromisso, consiste em bloquear toda a possibilidade de solução e aprisionar as partes em uma face a face em que cada uma defende posições inconciliáveis”.

Neste viés, é necessário ressaltar que, em uma discussão, cada um dos interlocutores se apropria do discurso do outro para integrar ao seu com sentido inverso. Confirmando essa ideia, podemos destacar que “quando se cita o discurso do adversário, é para fazer dele a negação do seu próprio discurso” (AMOSSY, 2017, p. 55).

Nesse prisma, é relevante destacar que a polêmica se difere de uma interação argumentativa porque tende a construir dicotomias, o que dificulta a busca de acordo entre as partes envolvidas. Enquanto, a interação argumentativa procura levar os participantes do debate a construir possibilidades de solução.

4.2.1.2 Polarização

A polarização é outro traço marcante da polêmica. Nessa perspectiva, faz-se necessário saber distinguir entre os actantes e os atores, pois o debate que opõe duas opiniões antagônicas acontece por meio de atores, classificados por Amossy (2017) como “indivíduos concretos que sustentam esses discursos”. Logo, não podemos dizer que se trata aqui de pessoas, mas de papéis: defensor de uma ideia, opositor da mesma e ouvinte-espectador da confrontação.

Essa divisão actancial entre “adversários” explica que a polêmica instaura uma operação de polarização a qual deve-se diferenciar da dicotomização. Esta estimula a oposição das ideias até torná-las inconciliáveis, já a polarização une os grupos que compartilham da mesma ideia, sendo assim ela não é de ordem conceitual, mas social. Para Amossy (2017, p. 56), “a polarização não apresenta apenas uma divisão em branco/preto, direita/esquerda – ela põe um nós diante de um eles”. Ainda podemos considerar que a retórica da polarização consiste na ideia de estabelecer campos inimigos, portanto é um fenômeno social e não apenas uma divisão abstrata entre teses.

Cabe ainda ressaltar que, na polêmica, a polarização cria muito mais que numerosas divergências, cria um efeito que difere entre os atores e os actantes. Esses atores assumirão o papel de oponente ou proponente e poderão se organizar através de argumentos diferentes e falar em nome de ideologias distintas, eles sequer, participam, obrigatoriamente, do mesmo grupo social. Ou seja, se a polarização vem, em alguns casos, reforçar identidades pré-formadas como uma divisão entre direita/esquerda, laicos/religiosos, gays/homofóbicos, na maioria das vezes, não segue essas divisões pré-existentes, mas pode reagrupar as pessoas em torno das bandeiras que irão defender.

Observamos que é justamente por essa estrutura actancial que a polarização é difícil de resolver, pois vemos nela a reunião de participantes diversos que se juntam em grupos

antagônicos. Se passarmos a considerar apenas os atores individuais, podemos até imaginar que eles sejam capazes de mudar de opinião. Mas em muitos debates, o que podemos observar é que a pessoa só existe em função do seu papel social. Sobre isso, Amossy (2017, p. 58) afirma que “a assimilação da posição defendida à pessoa do debatedor significa um fenômeno identitário cuja importância não deve ser subestimada”.

Além disso, é preciso também levar em conta que a polarização não provoca apenas um reagrupamento por identificação, mas sim ela trabalha com a ideia de consolidar a identidade de um grupo, apresentando o outro de forma depreciativa. Sobre esse viés, Amossy (2017, p. 58) defende que “trata-se de uma estratégia retórica para desacreditar o adversário, definindo-o como um defensor de um ponto de vista caracterizado por sua má-fé (não autêntico) e suas más intenções (mal intencionado)”.

Por esse viés, podemos observar que um dos traços fundamentais da polêmica verbal é que o discurso polêmico sempre será desqualificador, sempre atacará um alvo, logo pretende gerar o descrédito do adversário e também do discurso que ele sustenta. Nesse sentido, vários procedimentos são usados para tal efeito, o mais recorrente é o de atacar a palavra do outro. O oponente, então, busca refutar a opinião de seu adversário, tentando mostrar que seu discurso é indigno de confiança. Assim sendo, a polêmica responde, então, ao discurso adverso, enfraquecendo os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, pela reformulação orientada, pela ironia ou pela modificação dos propósitos (AMOSSY 2017, p. 59). No entanto, para que o auditório possa reconhecer a busca da desqualificação do adversário, é preciso perceber os traços do dialogismo conflituoso, seja por marcas visíveis no discurso ou não.

A desqualificação da tese sempre vem acompanhada do menosprezo pela pessoa ou pelo grupo que ela representa. Considera-se o oponente como um inimigo que tentamos excluir do diálogo. Muitas vezes, encontramos circunstâncias onde se tenta demonizar o adversário, apresentando-o com traços do mal absoluto, que devemos temer ao mesmo tempo que odiar. A tentativa de demonizar o adversário faz com que tenhamos a certeza de que precisamos excluí-lo do contato social. Essa diabolização é uma forma extrema de polarização que vem desempenhar a função do agrupamento das pessoas em torno da verdade e do bem, reverberando a clássica divisão do bem contra o mal.

A ideia de expulsar do diálogo o adversário, como se estivéssemos condenando-o a uma morte simbólica, acaba aparecendo como um objetivo que motiva e mobiliza os debatedores. Dessa forma, a violência verbal e as paixões acabam atravessando o discurso polêmico, mas não são fundamentais para a sua existência.

Ademais, observamos que o discurso polêmico acaba sendo fortemente marcado, visto que o locutor demonstra através dele marcas da sua subjetividade, tomando o discurso como uma posição através da qual ele fará afirmações, negações, usará interrogações, exclamações, entre outras marcas. Assim sendo, Amossy (2017, p. 62) ressalta que “a emoção é um resultado da implicação do locutor no seu discurso. O seu engajamento emocional se faz acompanhar de uma tentativa de tocar o coração dos leitores/espectadores”. Diante disso, é importante destacar que o predomínio da paixão não é obrigatório no discurso polêmico, mesmo que na maioria das vezes seja frequente.

Outra questão que norteia os discursos polêmicos é a questão da violência verbal. Devemos pensar que nem toda a violência verbal pode ser considerada um discurso polêmico, podemos tomar como exemplo uma troca de insultos entre particulares, os elementos discursivos que darão a essa violência verbal um status de polêmica é quando esta é utilizada num contexto de confronto de opiniões contraditórias, visto que “a polêmica não se deve confundir, não é uma fala selvagem. Ela toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo” (AMOSSY, 2017, p. 65).

A polêmica hoje é vista mais como um espetáculo oferecido ao público, trata-se muito mais de atingir e persuadir o terceiro, ou o que Bakhtin chama de supradestinatário, tentando eliminar seu oponente, e não tem a pretensão de dialogar com este tentando convencê-lo. Por esse prisma, podemos afirmar que a polêmica não é um gênero discursivo, ela perpassa diversos gêneros como, o debate televisivo, os fóruns de discussão, as cartas abertas, artigos de opinião, fala de uma reunião, entre outros. Desse modo e, considerando todas as suas características, é possível afirmar que a polêmica pode ser considerada uma modalidade argumentativa.

Todas as informações destacadas até aqui são fundamentais para a análise do nosso *corpus*, pois várias das características levantadas na teoria de Amossy (2017) estão presentes no discurso da pastora e ministra Damares Alves. Mesmo no período em que não era ministra do atual governo, apenas pregava como pastora evangélica, já proferia discursos polêmicos, desqualificando seus “adversários”, fazendo uso da emoção e da subjetividade na sua fala, mostrando, assim, várias características da polêmica.

Na sequência, trataremos algumas considerações sobre a diferença entre discurso polêmico e interação polêmica, a fim de aprofundar o olhar crítico para o nosso *corpus*, refletindo se ele se configura em um discurso ou em uma interação polêmica. A partir das características de cada um, conseguiremos entender onde nosso *corpus* melhor se enquadra a fim de qualificar nossa análise.

4.2.2 Discurso polêmico ou Interação polêmica

Na parte introdutória deste capítulo julgamos necessário compreender de forma detalhada o conceito de discurso polêmico e interação polêmica, pois os mesmos não devem ser confundidos com a expressão “uma polêmica”. Nesse sentido, Amossy (2017, p. 72) destaca que “uma polêmica é o conjunto de intervenções antagônicas sobre uma dada questão em um dado momento”. Uma polêmica se constrói a partir de todas as interações públicas ou não, que tratam de um assunto social e que será manifestada nos discursos em circulação.

Assim sendo, “o discurso polêmico e a interação polêmica são as formas que as intervenções constitutivas da polêmica podem assumir” (AMOSSY, 2017, p. 72). O discurso polêmico é basicamente a produção discursiva de uma das partes envolvidas, que carrega necessariamente o discurso do outro, o que Bakhtin vai chamar de dialogismo ou discurso dialógico. O discurso polêmico é dialógico, pois vai dialogar com discursos que o antecederam, mas não será dialogal já que não tem o objetivo de interagir diretamente com o seu adversário. Podemos citar como exemplo de um discurso polêmico um artigo publicado em um jornal que ataca um alvo que não estará presente no momento para redarguir.

A interação polêmica é aquela que acontece face a face, por exemplo, o debate televisivo. Para Amossy (2017, p. 72), esse tipo de interação “implica que dois ou mais adversários se engajem em uma discussão falada ou escrita, em que um tenta levar a melhor sobre o outro”. Diante disso, é importante salientar que é o conjunto dos discursos e das interações que circulam no espaço público que constituem o que conhecemos por polêmica.

Além disso, a polêmica não acontece apenas nas mídias, mas é a partir destas que se difunde e ganha o espaço público. As redes sociais, atualmente, também são grandes propagadoras das polêmicas, nosso próprio *corpus* de análise foi conhecido a partir da reprodução em massa nas redes sociais, o que o tornou um discurso polêmico que veio a chamar nossa atenção.

Segundo Amossy (2017), o discurso polêmico se caracteriza por não interagir diretamente com seu adversário, mas traz como uma de suas marcas o confronto de opiniões, trazendo o papel do oponente e do proponente, utilizando a dicotomização, a qual já citamos anteriormente neste texto. Se tomarmos como um exemplo de discurso polêmico um artigo de opinião, veremos que a responsabilidade do jornalista é bastante grande, pois, no plano da enunciação, ele pode colaborar para a construção da fala do oponente como

também da fala do proponente, sem manifestar a sua voz, apenas usando de artifícios textuais para ressaltar uma ou outra posição.

Já afirmamos anteriormente que a polêmica se constrói a partir da reunião de atores em torno de opiniões contraditórias, logo, se pensarmos na polêmica verbal, a ideia da polarização não pode ser considerada uma realidade, ela só será construída pela maneira como o artigo organiza o reagrupamento desses atores, isso pode ser revelado na maneira como o jornalista constrói as declarações das duas partes, por isso, muitas vezes, o jornalista tem um papel importante na construção da polêmica.

Se analisarmos o debate televisivo, veremos que este não acontece da mesma forma que uma interação polêmica. No debate, os interlocutores respondem-se e são obrigados, em algumas situações, a reagir de forma acalorada às declarações dadas pelo seu oponente no debate. Para a Amossy (2017, p. 88), “a polêmica se desenvolve em um enquadramento contextual no qual as hierarquias e as relações de poder não inibem a liberdade dos participantes”. O principal objetivo de um debate televisivo é possibilitar a discussão de um tema, muitas vezes dando voz a quem estaria à margem da sociedade, colocando esses dois pontos de vista antagônicos frente a frente, mesmo que entre eles exista uma diferença de hierarquia social.

Ainda sobre essa perspectiva, podemos perceber que na interação polêmica cada parte reivindica a sua posição a partir dos seus valores e assim tenta ganhar o reconhecimento do auditório. Para conseguir alcançar o objetivo da refutação, o discurso e a interação polêmicos não fazem uso apenas de contra-argumentos, mas sim de ironias, exemplos, entre outros recursos. Visto que, para Amossy (2017) “dicotomização das oposições, a polarização e o descrédito lançado sobre o outro se estabelecem sobre uma série de operações languageiras que mobilizam um vasto leque de procedimentos retóricos”. Logo, como uma modalidade argumentativa, podemos afirmar que a polêmica é a arte da refutação.

As considerações trazidas ao longo deste capítulo têm o objetivo de contribuir para a compreensão do papel da polêmica no *corpus* em análise. A polêmica, segundo o que já estudamos, é um debate acerca de uma questão da atualidade e de interesse público e possui, como algumas de suas características, a polarização e dicotomização. Desse modo, esperamos que o conteúdo apresentado possa auxiliar no delineamento da proposta metodológica e, especialmente, na análise que será apresentada a seguir.

5 A POLÊMICA NOS ENUNCIADOS MIDIÁTICOS

Neste capítulo, nos dedicaremos a apresentar a metodologia desta pesquisa e também as análises dos recortes de enunciados midiáticos escolhidos como *corpus*. A partir da metodologia que organizamos e baseados na bibliografia que estudamos durante o período de estudo e escrita, pretendemos responder nas análises nosso principal questionamento: que elementos linguísticos constituem enunciados caracterizados como polêmicos e que sentidos constroem?

Este trabalho se caracteriza como um estudo bibliográfico, descritivo e analítico de natureza qualitativa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é considerada bibliográfica, já que tal característica se dá quando a pesquisa é elaborada a partir de material já publicado, livros, artigos científicos, dissertações e material retirado da internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato com o tema.

Cabe ressaltar que a pesquisa também se denomina descritiva “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 52). Tal pesquisa, que tem como objetivo analisar enunciados midiáticos, investigando características constitutivas que os tornam (ou não) polêmicos a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos, seleciona recortes de depoimentos, entrevistas e falas públicas de uma personagem popular no cenário político brasileiro: a advogada, pastora evangélica e atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves⁷.

Quanto à abordagem, a pesquisa foi classificada como qualitativa, pois analisou a construção dos sentidos na produção dos discursos, no momento real de manifestação, levando em consideração a situação de produção, o momento, locutor e também o interlocutor dos discursos, pois segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa considera que existe uma relação direta entre o sujeito e o mundo real. Assim, a interpretação destes fenômenos e atribuição de significados faz parte da pesquisa qualitativa.

A análise foi desenvolvida por meio de procedimentos metodológicos que têm por base categorias teóricas da enunciação, trabalhadas nos capítulos iniciais desta pesquisa. Com o propósito de estruturarmos as análises, organizamo-las de acordo com a seguinte metodologia: em um primeiro momento apresentamos a descrição do recorte do discurso que será analisado, em seguida faremos a contextualização do momento de produção do

⁷ Importante esclarecer que o objetivo desta escolha é simplesmente identificar as características que constituem a polêmica dos discursos, sem a intenção de emitir julgamentos de valor.

discurso, onde ele foi proferido, por quem, para quem, situando os participantes imediatos do enunciado, conforme os estudos da teoria de Bakhtin (1997, 2003, 2014, 2016). E, em um terceiro momento, abordaremos as características que tornam esse discurso polêmico, conforme a teoria de Amossy (2017).

O *corpus* de pesquisa selecionado para este trabalho se organiza em recortes de quatro discursos proferidos pela advogada, pastora evangélica, ativista e atual ministra de Estado da Mulher, Família e Direitos Humanos, discursos estes que foram produzidos em datas, situações e contextos diferentes. Também foram produzidos para interlocutores distintos.

Esse *corpus* se tornou objeto de análise, pois percebemos que, desde o anúncio da pastora evangélica como ministra de Estado no final de 2018, a mídia passou a dar bastante visibilidade a esta personagem pública, exibindo entrevistas, falas públicas e depoimentos, inclusive anteriores à posse como ministra, que até então era desconhecida do grande público. Mas, aos poucos e, principalmente, por causa das redes sociais, a ministra passou a ser reconhecida pela grande maioria dos brasileiros e ganhou notoriedade nacional, especialmente, por seus discursos considerados polêmicos.

Em algumas entrevistas, a pastora evangélica declarou que suas falas se tornam polêmicas porque são retiradas do contexto. Entretanto, em seu discurso de posse como ministra, fez questão de enfatizar que “o Estado é laico, mas essa ministra é terrivelmente cristã”. Tal manifestação, ainda que retirada de contexto, é controversa. Sabe-se que, de acordo com o Art. 5º, inciso VI da Constituição Federal Brasileira⁸, o Estado é laico, de modo que seus representantes máximos, na vida privada, têm assegurado o direito de credo religioso, entretanto, no exercício de cargos públicos, não deveriam professar nenhum tipo de fé, de modo a respeitar todo e qualquer tipo de credo. Logo, podemos perceber que muitos discursos proferidos pela ministra ganham grande repercussão, principalmente nas redes sociais, uma vez que esta professa publicamente sua fé.

Conforme já mencionamos anteriormente nesta pesquisa, para Bakhtin (2003), o estudo do homem (social) e da sua linguagem só pode ser feito a partir dos enunciados concretos que ele criou, pois, a constituição social do homem e da sua linguagem é mediada pelos enunciados. Não importa se o enunciado for oral ou escrito, podemos observar que ele sempre será considerado uma situação de comunicação que é extremamente individual, trazendo consigo características dessa individualidade.

⁸ Sobre o artigo 5º da constituição, pesquisar mais em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2019.

Também cabe aqui lembrar que é de Bakhtin (2003) a afirmação de que nós só nos comunicamos por meio de algum gênero do discurso. Pois, para Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana”. E esses enunciados são materializados nos gêneros do discurso.

Avaliamos ser necessário lembrar dessas ideias defendidas por Bakhtin (2003) para situarmos melhor nosso *corpus* de pesquisa. Os enunciados que servirão de *corpus* foram ordenados na seção de análise em ordem cronológica dos acontecimentos, apesar de sua reprodução nas redes sociais só ter se intensificado após a pastora se tornar ministra e assim ficar conhecida do grande público.

Inicialmente analisaremos o recorte de uma entrevista em que a pastora evangélica, Damares Alves, que não era conhecida nacionalmente, pois ainda não era ministra de Estado, concedeu à também pastora, Cynthia Ferreira, do portal "Fé em Jesus", no ano de 2013. Essa entrevista foi amplamente divulgada em 2019, após Damares ficar conhecida como Ministra de Estado. Esse gênero discursivo se caracteriza por ter uma função geralmente informativa, que é sobretudo veiculado em meios de comunicação, televisão, rádios, jornais, revistas, canais da internet, entre outros. Trata-se de um enunciado marcado pela interação entre dois sujeitos, entrevistador e entrevistado e é marcado pela subjetividade e pelo discurso direto.

Também observaremos um discurso feito em 2015, quando a religiosa pregava como pastora evangélica em cultos. O enunciado que será analisado é parte de um discurso oral proferido em um culto que aconteceu na Igreja Assembleia de Deus no Gama, cidade-satélite de Brasília-DF, culto este destinado a um público exclusivamente feminino. Esse segundo gênero é o que podemos chamar de discurso religioso, ou o que dentro da prática cristã também podemos chamar de homilia. Esse gênero se caracteriza dentro da comunidade cristã como o momento em que o líder religioso utiliza algumas passagens da bíblia para ilustrar uma ideia e discutir situações da atualidade, é um momento dentro da celebração de reflexão, escuta e conversação.

O terceiro trata-se de um discurso espontâneo da recém empossada ministra, realizado no dia 2 de janeiro de 2019, numa sala reservada a convidados e apoiadores políticos, em um momento de celebração após a cerimônia de posse. Esse gênero se caracteriza por ser algo que não é roteirizado, não é previamente preparado, uma fala produzida de forma espontânea, embora, como todo discurso, influenciada pelo contexto, momento de produção e interlocutores.

E, por fim, apresentaremos um recorte de um discurso da ministra proferido em uma audiência pública. A ministra de Estado da Mulher, Família e Direitos Humanos, foi convidada a comparecer a essa reunião da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, no dia 16 de abril de 2019. Na ocasião, a ministra foi interrogada por deputados e deputadas federais e respondeu a alguns questionamentos, dentre os quais dedicaremos atenção a um, cuja resposta foi a que mais repercutiu⁹ perante a sociedade brasileira.

Podemos classificar esse gênero como expositivo, pois apresenta informações sobre um fato específico. Esse gênero deve permitir ao interlocutor que identifique claramente o tema central do enunciado, por isso uma característica importante é a apresentação de bastantes informações. O recorte da fala é parte de uma audiência convocada por um grupo de deputadas, dentre elas a deputada federal Sâmia Bomfim (Psol-SP); a audiência tinha como objetivo tratar do tema violência contra a mulher, em especial sobre a campanha “Salve uma Mulher”. A ministra foi convidada a expor os planos do seu ministério com relação às políticas públicas de proteção à mulher. Nessa exposição, Damares apresentou alguns projetos de sua pasta, além de responder a alguns questionamentos dos deputados.

Os enunciados em análise foram produzidos em um período correspondente de março de 2013 a abril de 2019, mesmo assim os dois enunciados mais antigos (2013 e 2015) só ficaram conhecidos nacionalmente em meados de 2019, após a pastora se tornar conhecida por toda a sociedade, quando então foram amplamente divulgados nas redes sociais.

Cabe destacar que, segundo as ideias defendidas por Bakhtin (2016), estes enunciados podem ser considerados um gênero discursivo primário, pois originam-se de situações informais de interação verbal. Os enunciados foram transcritos e dispostos em quadros logo abaixo para uma melhor visualização.

A análise se dará a partir da definição de enunciado em Bakhtin (2016), para quem o enunciado não é apenas uma unidade da língua, mas uma unidade de comunicação verbal, portanto, não possui apenas uma significação, pelo contrário, detém um sentido que está sempre relacionado a um valor social, já que o falante que o produz está sempre inserido num contexto histórico-social. Logo, não podemos tratar o enunciado apenas como um elemento linguístico.

As etapas da análise do *corpus* seguirão uma ordem previamente estabelecida pela pesquisadora. Primeiramente faremos a contextualização de cada recorte dos enunciados selecionados, descrevendo em que momento ou situação social eles foram produzidos, na

⁹ A repercussão deste enunciado deve-se ao seu conteúdo considerado polêmico, pois novamente Damares não separa sua crença religiosa do seu papel de ministra de Estado.

sequência abordaremos a questão da interação, quem fala e para quem fala. A seguir, descreveremos o conteúdo do enunciado na situação imediata em que ocorre a comunicação e também na nova situação, que se estabelece no momento em que a fala se torna conhecida do grande público pelas redes sociais. E, por fim, tentaremos responder como a polêmica é produzida, ou seja, que elementos desencadeiam esse fenômeno.

5.1 Damares e a Teoria da Evolução

Quadro 1 - Transcrição do enunciado da Pastora no discurso disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=56Vk8U_rDqo>.

Cynthia: - Por que muitas pessoas, doutora Damares, e a senhora com certeza vai concordar comigo, eles falam assim, crente e política não combinam, crente não tem que se meter em política, crente não tem que se envolver com essas coisas, como é que é isso, fala pra mim, qual é o papel da igreja?

Damares: - Cynthia, deixa eu explicar a minha visão de tudo isso, a igreja evangélica perdeu espaço na história, ehh, nós perdemos um espaço na ciência quando nós deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, quando nós não questionamos...

Cynthia: - Detalhe né, é uma teoria né...

Damares: - É, quando nós não fomos ocupar a ciência, a igreja evangélica deixou a ciência pra lá e vamos deixar a ciência sozinha, caminhando sozinha, e aí cientistas tomaram conta desta área e nós nos afastamos...

O primeiro discurso analisado será o que entendemos por um discurso polêmico, de acordo com os estudos de Amossy (2017), pois trata de uma entrevista concedida pela pastora Damares Alves, em 2013, à também pastora Cynthia Ferreira, do portal "Fé em Jesus". Cabe esclarecer que este portal hoje não existe mais, foi retirado do ar. A referida entrevista só ganhou repercussão em 2019, quando Damares passou a ser conhecida nacionalmente. Nesse discurso, a advogada e pastora responde aos questionamentos feitos pela também pastora Cynthia Ferreira, coordenadora do portal, dessa forma, não interage diretamente com seu adversário, mas também fala ao público deste portal, o que Bakhtin (2003) chama de supradestinatário, que tem um perfil extremamente ligado à fé e à religião,

pois o portal Fé em Jesus é um “ambiente virtual com conteúdo totalmente voltado a fé cristã”, segundo o que afirma a coordenadora do portal, a também pastora Cynthia Ferreira.

Nessa entrevista, entre outras perguntas, a ministra responde ao questionamento de Cynthia sobre qual seria o papel da igreja na política, já que muitos comentam, segundo a apresentadora, que “crente não deve se meter em política”. Cabe salientar que, em 2013, Damares ainda não era ministra de Estado, mas já trabalhava há alguns anos como assessora parlamentar da bancada evangélica na Câmara dos Deputados.

A pastora inicia sua resposta dizendo que, na sua visão, a igreja evangélica perdeu espaço na história por “deixar a ciência e a teoria da evolução entrar nas escolas”. A teoria questionada por Damares é a Evolucionista, defendida por cientistas no mundo todo e que tem Charles Darwin como um dos nomes mais importantes. Essa teoria defende a ideia de que a evolução das espécies acontece por meio natural, conforme ocorrem as mudanças no ambiente em que estão inseridos. É a teoria, reconhecida pela ciência, que defende que a espécie “homo sapiens” é originária do macaco.

Tradicionalmente, existe uma outra teoria defendida com muita veemência por parte de grupos religiosos que é a teoria Criacionista, segundo a qual as forças divinas são responsáveis pelo surgimento do planeta e de todas as espécies existentes. Essa teoria não reconhece processo evolutivo e compreende que as espécies são imutáveis. De acordo com essa concepção, tudo que tem vida seria criação de Deus, sem interferência humana.

Observamos que, na situação mais imediata de comunicação, a pastora, ao responder ao questionamento da entrevistadora, utiliza-se da sua fé e de seus princípios cristãos para defender seu ponto de vista: “deixa eu explicar a minha visão de tudo isso, a igreja evangélica perdeu espaço na história, ehh, nós perdemos um espaço na ciência quando nós deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas, quando nós não questionamos”. Tal recurso é compreensível por várias razões: primeiro, porque quem participa da situação comunicativa compartilha da mesma fé; segundo, porque a entrevistada é uma pastora evangélica; terceiro, porque o público imediato a quem se destina a veiculação dessa entrevista é o público evangélico, já que se trata de um canal religioso.

Podemos analisar que, quando este vídeo ficou conhecido através das redes sociais, o ponto que mais chamou atenção do público e causou polêmica foi, sem dúvida, a referência a teoria da evolução. Como o espaço de veiculação desse vídeo foi ampliado, acabou atingindo também interlocutores que não são religiosos ou que, embora professem alguma fé, respeitam a ciência. Desse modo, a declaração da entrevistada acerca da teoria

da evolução acaba mostrando aquilo que Bakhtin (2016) já afirmou, de que não existe enunciado que seja absolutamente neutro.

Notamos um discurso, proferido por uma pastora, com um papel de autoridade dentro da igreja evangélica, veiculado em um canal da internet próprio para esse público. A pastora, através do seu discurso, defende aos seus interlocutores a ideia de que a ciência e a teoria da Evolução roubaram o espaço da igreja na sociedade e também que os evangélicos devem ocupar a ciência, e assim voltar a ganhar o espaço que, segundo ela, deveria ser deles, isto é, dos evangélicos que “permitiram” que a ciência entrasse nas escolas. O discurso de Damares, como todo enunciado, carrega um estilo individual, com sentidos e significados próprios. É importante destacar estes aspectos, pois, segundo Bakhtin (2014, p. 137) “a significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor”. Ainda segundo esse filósofo russo, as questões ligadas ao sentido e à significação devem ser analisadas sempre levando em conta a história, o tempo, o lugar e os envolvidos na geração do enunciado. Como nesse momento, a pastora fala aos seus fiéis, que são espectadores do portal na internet, logo podemos entender o porquê da crítica contundente à ciência. Sabemos que religião e ciência sempre estiveram em lados opostos na hora de explicar muitos fenômenos que envolvem a humanidade.

Dessa forma, quando este vídeo passou a ser veiculado nas redes sociais, ou seja, quando deixou o espaço religioso e angariou outros interlocutores que não eram exclusivamente evangélicos, o ponto mais questionado passou a ser a sobreposição da ideologia religiosa às questões da ciência, as quais não devem ser comparadas, pois são duas áreas distintas. A humanidade sempre se dividiu entre quem acredita em uma ou outra destas teorias, e isso muito tem a ver com o ambiente em que o indivíduo está inserido.

Assim, a locutora em seu discurso, cria uma polarização, como defende Amossy (2017), pois nesse enunciado, particularmente, ela não cria apenas divergências, mas cria um efeito de divisão entre os grupos, segmentação essa que busca o poder, o espaço, que vem, de alguma forma, reforçar as identidades de cada grupo e separar ainda mais os que creem na igreja e os que creem na ciência.

5.2 As Feministas e a Igreja

Quadro 2 - Transcrição do enunciado da Pastora no discurso disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=-_yWSMQEkY8>.

Dameres: - Eu queria tanto que uma feminista viesse aqui na igreja...(gritos)

- Sabem por que elas não gostam de homens?

- Porque são feias (aplausos e gritos), e nós somos lindas..... Uhhhhh
(aplausos e gritos)

- Sabem por que elas não gostam de homens? Porque homem nenhum quis casar com elas, e conosco os homens foram atrás, lutaram, paqueraram, conquistaram e nos conquistaram. (gritos e aplausos)

O enunciado que passaremos a analisar foi proferido em 2015, durante um culto na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, no Gama, cidade-satélite de Brasília-DF. Esse discurso, que corresponde ao momento da homilia, foi proferido pela pastora para um público essencialmente feminino de devotas desta igreja evangélica. É importante situarmos o contexto histórico de produção desse discurso.

O ano de 2015 foi considerado o ano das mulheres. Foi neste ano que ocorreu a chamada “primavera feminista” que foi um período de muitos protestos, quando as mulheres lutaram e, mais do que tudo, não se calaram. Elas tomaram as ruas, os palanques, os jornais, os palcos, as redes sociais, para combater o machismo. Também em 2015, o Brasil passava por um conturbado período na área política. A mídia¹⁰ anunciava os escândalos revelados pela operação policial Lava Jato, envolvendo o governo federal e grandes empresários, ao mesmo tempo em que projetava queda brusca no Produto Interno Bruto (PIB) para aquele ano, o que, segundo as notícias veiculadas, “afetaria setores importantes da economia”. Além disso, já corria no Congresso Nacional, movimentação em torno do processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff.

O contexto de produção do enunciado deve ser levado em consideração, pois, segundo afirma Bakhtin (2014), o estilo que compõe o enunciado sempre será marcado pelos participantes e pela situação imediata de criação do enunciado.

O discurso que será analisado tem como principal personagem na interação a pastora evangélica, que produz os enunciados e que se coloca contra o movimento feminista. Ocupando um papel de destaque, utiliza de sua posição de autoridade para

¹⁰ Sobre a questão econômica do país é possível ler mais em:

<<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/economia-em-2015-o-ano-em-que-o-brasil-andou-para-tras.html>>. Acesso em 21 de agosto de 2019.

também influenciar as mulheres presentes ao culto que, naquele momento, são suas interlocutoras imediatas.

Na primeira parte do enunciado, Damares inicia fazendo uma espécie de provocação, dizendo: “eu queria tanto que uma feminista viesse aqui na igreja”. Observamos que essa fala produz um conteúdo implícito, o de que mulheres feministas não frequentam igrejas, ou, pelo menos, não professam da mesma fé das que estão ali presentes. Assim, o conteúdo desse enunciado revela marcas da ideologia de sua locutora e das interlocutoras ali presentes porque as mulheres que fazem parte do público que estão ouvindo concordam com a fala, pois gritam e aplaudem a frase dita pela pastora.

Segundo Bakhtin (2014, p. 126), “toda palavra é ideológica e toda a utilização da língua está ligada à evolução ideológica”, logo percebemos que a ideologia da locutora e do seu público se coloca de forma preconceituosa com relação ao público feminista, pois não podemos generalizar ao dizer que todas as feministas não frequentam igrejas ou não professam alguma fé.

Logo na sequência, a pastora continua e pergunta para a plateia feminina: “Sabem por que elas não gostam de homens? Porque são feias... (aplausos e gritos), e nós somos lindas... Uhhhhh”. Fala essa, que a plateia responde com aplausos e gritos de concordância. Logo, identificamos, conforme afirma Bakhtin (2016), que nenhum enunciado pode ser considerado neutro, visto que a fala da pastora vem carregada de uma ideologia que está presente na sua doutrina religiosa e que as mulheres que estão no culto mostram concordar quando aplaudem e gritam.

A pergunta “Sabem por que elas não gostam de homens?” traz um conteúdo implícito inegável: “feministas não gostam de homens”. Será essa, de fato, uma afirmação verdadeira ou falaciosa? É sabido que há muitos clichês nas falas que se referem ao movimento feminista, o de que mulheres feministas não gostam de homens é apenas um deles¹¹. Assim, a pastora se utiliza desse clichê para construir seu discurso e afirmar a imagem preconceituosa que alguns criam a respeito das mulheres que se dizem feministas.

Na sequência, a ministra segue dizendo: “sabem por que elas não gostam de homens? Porque homem nenhum quis casar com elas, e conosco os homens foram atrás, lutaram, paqueraram, conquistaram e nos conquistaram”. Em todo o recorte que analisamos, a única forma de interação dos interlocutores, no caso as mulheres da plateia, com a locutora, a ministra, é através dos aplausos e gritos que indicam a concordância com

¹¹ Sobre clichês referentes ao feminismo, é possível ler mais neste endereço:

<<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/peito-de-fora-pelos-e-odio-aos-homens-analisamos-6-cliches-do-feminismo/>>. Acesso em 04 de agosto de 2019.

o discurso proferido. Essa forma de a plateia interagir com a pastora, mostrando sua concordância, faz com que ela continue desenvolvendo sua ideia com muito entusiasmo, mostrando que toda a enunciação é um produto da interação social (BAKHTIN, 2014), pois se as mulheres não estivessem reagindo de forma positiva a sua fala, acreditamos que seu enunciado seria mais polido.

Esse trecho final da fala da pastora mostra várias possibilidades de leitura, dentre as quais elencamos algumas:

- A. As feministas não gostam de homens porque foram rejeitadas por homens.
- B. Todas as mulheres querem se casar com homens.
- C. As mulheres que não são feministas e são religiosas foram “desejadas” pelos homens, que “foram atrás, lutaram, conquistaram (...)”.

Essa possibilidade de leitura mostra uma voz centralizadora que coloca a mulher como alguém que é, indiscutivelmente, heterossexual; que deseja se casar, que é alguém que não escolhe, mas é escolhida pelo homem. Ora, é de conhecimento de todos que nem todas as mulheres são heterossexuais, que mesmo sendo heterossexual há mulheres que não desejam se casar e que, ao longo do último século, as mulheres tiveram muitas conquistas, dentre as quais pode-se destacar, por exemplo, o surgimento da pílula anticoncepcional, como um dos símbolos mais importantes da liberdade feminina.

Diante de tais pressupostos, podemos afirmar que tal discurso produziu grande polêmica a partir do momento em que ficou conhecido fora do ambiente da igreja. Pensamos que isso aconteceu, pois é um assunto de interesse público, porque temos hoje em nossa sociedade um grande número de mulheres que se declaram feministas, que lutam por causas como igualdade de direitos entre os sexos, valorização da mulher no mercado de trabalho e no meio social, e os comentários proferidos pela ministra, que ocupa um cargo de destaque e deveria defender as mulheres de uma forma geral, mostram-se preconceituosos e ofensivos, pois chamam as mulheres feministas de feias, tentando desqualificar aquelas que ela vê como adversárias. Além disso, faz uma generalização quando diz que nenhuma feminista gosta de homem e que homens só procuraram as mulheres que não são feministas, no caso aquelas que estão na plateia e frequentam aquela igreja. Claramente esse discurso se configura polêmico porque mostra a ideia da divisão nós versus elas, revelando o que Amossy (2017) vai chamar de polarização, visto que faz uma divisão clara entre dois grupos: feminista e o antifeminista.

Também é um discurso que ataca, tenta desqualificar o “adversário”, visto que “a desqualificação da tese, geralmente, acompanha a desqualificação da pessoa ou grupo que

ela representa” (AMOSSY, 2017, p. 59). Fica claro que a pastora tenta desqualificar as feministas de toda forma, a fim de que as mesmas percam toda a credibilidade.

Também percebemos um discurso carregado de emoção, outra característica do discurso polêmico, visto que “o engajamento emocional se faz acompanhar de uma tentativa de tocar o coração dos leitores/espectadores” (AMOSSY, 2017, p.62).

5.3 Menino veste azul e menina veste rosa

Quadro 3 - Transcrição do enunciado da Ministra no discurso disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>>.

Damare: - Atenção, menino veste azul e menina veste rosa... (gritos, aplausos e risadas)

Damare: - Atenção, atenção, é uma nova era no Brasil, menino veste azul e menina veste rosa.

No dia 02 de janeiro de 2019, após participar da cerimônia em que tomou posse como Ministra de Estado da Mulher, Família e Direitos Humanos¹², Damare Regina Alves ganhou notoriedade nacional, pois, ao se reunir em seu gabinete, com apoiadores políticos, pastores da sua igreja evangélica e assessores, a ministra foi gravada fazendo um pronunciamento que repercutiu nas redes sociais, por seu caráter polêmico. No vídeo que circulou, a ministra afirma que “inicia uma nova era no Brasil, menino veste azul e menina veste rosa”. Logo, a opinião pública começou a compartilhar o discurso e se posicionar a respeito. Muitas celebridades e também anônimos iniciaram uma enxurrada de críticas, criaram memes, postaram fotos usando as cores comentadas por Damare, afirmando suas posições contrárias ao enunciado proferido pela ministra-pastora.

A então ministra proferiu o referido enunciado, em uma sala reservada, com seus apoiadores políticos, num momento de confraternização e comemoração após a solenidade de posse. Damare, como pastora evangélica, é contra o que alguns conhecem por “ideologia de gênero”¹³ que, segundo ela e alguns de seus apoiadores políticos, é uma ideologia que vinha sendo implantada na educação das crianças e adolescentes do Brasil, pelos governos de esquerda no passado. Essa ideologia de gênero seria responsável por uma

¹² Em governos anteriores, esse ministério era denominado Ministério dos Direitos Humanos. A partir do atual governo passou a ser conhecido desta forma. A pasta passou então a ser encarregada da promoção de políticas para a inclusão de grupos minoritários.

¹³ Sobre ideologia de gênero é possível conhecer mais em:

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ideologia-genero-mito-realidade/>>. Acesso em 23 de agosto de 2019.

certa ideia de erotização infantil, situação essa que os políticos da bancada da bíblia vinham se organizando para combater desde 2014.

Desde meados deste ano, as bancadas religiosas estavam se organizando nas casas legislativas de todo o país para excluir “gênero” e “orientação sexual” dos planos nacionais, estaduais e municipais de educação. É também nesta época que ganha força o movimento Escola Sem Partido. Criado em 2004 para combater uma suposta doutrinação marxista (que teria tomado conta das escolas desde o fim da ditadura), o movimento passou a lutar contra a tal ‘erotização’ infantil.

Levanto em conta tal contexto, a frase “menino veste azul e menina veste rosa” se apresenta como uma metáfora utilizada pela ministra, para afirmar que, a partir do momento em que ela se tornou ministra, essa “ideologia” perderá sua força. Ela se utiliza de uma convenção social pré-estabelecida, que é o uso das cores rosa e azul, que tradicionalmente identificam o sexo do bebê em eventos sociais como chá de bebê ou de revelação, para fazer a metáfora e afirmar que, para ela, segundo sua ideologia, a partir de agora menino será educado como menino e menina como menina, conforme o que ela e seus apoiadores, pertencentes ao mesmo grupo religioso, acreditam ser “correto”.

Também podemos afirmar que neste enunciado atuam as forças centrípetas (aquelas que buscam impor certa centralização), tentando dissipar as forças centrífugas (aquelas que tentam corroer as tendências centralizadoras), afirmadas em Bakhtin (2010). Ou seja, as forças centrípetas são aquelas que afirmam que as meninas devem seguir um padrão de comportamento já estabelecido por uma sociedade machista, no qual devem se comportar como princesas, sendo submissas ao homem, tendo um comportamento delicado como de uma menina, brincando de boneca, usando roupas de cor rosa, entre outros comportamentos que associam o sexo feminino à delicadeza, fragilidade, em oposição ao sexo masculino.

Podemos notar que, apesar do discurso polêmico ser curto, ele é carregado de sentido, significação e ideologia, sentidos que só são compreendidos a partir da análise do contexto envolvido na produção do enunciado. Ou seja, quem diz, uma pastora evangélica no lugar de representante de um estado laico, que assume a responsabilidade de proteção de todas as mulheres, família e direitos humanos e para quem o discurso é proferido, no caso outros pastores evangélicos e alguns apoiadores políticos, que certamente professam da mesma fé, e logo concordam com ela.

Para Bakhtin (2003), não somos o que ele chama de “Adão bíblico”, ou seja, os criadores da palavra nunca pronunciada. Nossa palavra sempre será dialógica, perpassada pela palavra de outro. Percebemos que o discurso de Damares Alves é carregado de ideologia e perpassado pela palavra de outros, que é reproduzida no seu discurso.

Nesse recorte podemos perceber claramente que Damares é o que podemos chamar de uma voz social de autoridade, que é assimilada por seus pares como uma verdade absoluta, tanto pelo papel de pastora como também de ministra.

O discurso de Damares, como já mencionamos, “viralizou” e se tornou polêmico, pois trata-se de um assunto de interesse público. Entraram no debate os que defendem que a criança deve ter na escola uma educação plural e completa que discuta questões sobre ciência, linguagens, matemática, tecnologia e também sobre sexualidade, o que é gênero, violência sexual e outros termos que fazem parte da sua realidade. E os que defendem a ideia de que a criança ainda não tem idade e maturidade para discutir sobre certos assuntos, como, por exemplo, as questões que envolvem sexualidade.

Percebeu-se, em alguns momentos, debates nas redes sociais onde a violência verbal e as paixões dominaram, características claras, segundo Amossy (2017), de uma polêmica. Os interlocutores utilizam em seus comentários a emoção, e esse engajamento emocional tem como objetivo tocar o coração do espectador ou leitor.

Mas esse caráter passional da polêmica é, muitas vezes, alvo de críticas, pois pode levar a polêmica a ser gerenciada com base nas emoções e não na razão, o que se torna um grande perigo. Observamos que este é um assunto sobre o qual dificilmente teremos um acordo entre as partes, pois pelas contribuições de Amossy (2017), podemos compreender que vivemos em uma sociedade democrática e pluralista, onde opiniões contraditórias sempre irão existir, e estas divergências e confrontação de pontos de vista são os traços que definem a polêmica.

Nesta perspectiva, podemos perceber que esse é um exemplo de enunciado que nos mostra que a polêmica, como modalidade argumentativa, não visa a ideia do acordo entre as partes, mas sim mostrar a oposição de discursos entre grupos antagônicos.

5.4 A mulher deve ser submissa ao homem no casamento?

Quadro 4 - Transcrição do enunciado da Ministra no discurso disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=LPI3RKTYA3s>>.

Damares:

- E por último, deputada, se a mulher deve ser submissa, ehh, essa é uma fala que eu fiz dentro da minha igreja, dentro da doutrina cristã, sim, dentro da doutrina cristã, lá dentro da igreja nós entendemos que no casamento homem/ mulher o homem é o líder do casamento, então essa é uma percepção lá dentro da minha igreja, dentro da minha fé, eu quero dizer que todas as mulheres vão ter que ser submissa, abaixar a cabeça, para o patrão, para o

agressor para os homens que estão aí, não! Mas dentro da minha concepção cristã, a mulher sim no casamento ela é submissa ao homem e isso é uma questão de fé.

O último discurso a ser analisado, pode ser caracterizado como uma interação polêmica, conforme apresenta Amossy (2017), dado que temos um enunciado proferido pela Ministra Damares Regina Alves, em uma audiência pública da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, composta por deputados na Câmara Federal, que aconteceu no dia 16 de abril de 2019.

A ministra compareceu a essa reunião como convidada, para apresentar o Ministério e falar sobre os projetos da pasta. Respondeu a vários questionamentos a respeito de temas importantes e também polêmicos, como aborto, posse de armas, entre outros. Várias perguntas foram baseadas em declarações feitas em outros momentos pela ministra e que se referiam às mulheres, que são o grande alvo dessa comissão.

A comissão de Defesa e Direitos da Mulher é presidida pela deputada federal do PTB/PR, Luisa Canziani dos Santos Silveira, e composta por mais ou menos 25 outros deputados de vários partidos e estados, homens e mulheres. Esses foram alguns dos interlocutores para quem a ministra falou durante cerca de duas horas, na audiência pública.

Entre as perguntas que fizeram parte deste contexto, uma das que tiveram grande repercussão na mídia foi a resposta dada à deputada Alice Portugal, do PC do B da Bahia, que questionou se a ministra havia realmente feito a afirmação de que “a mulher deveria ser submissa ao homem no casamento”. Damares, de pronto, respondeu que realmente havia feito essa afirmação dentro do contexto da sua fé e religião, pois segundo a ministra, na “concepção cristã, no casamento, o homem é o líder”. Mas também completou o seu discurso dizendo “eu quero dizer que todas as mulheres vão ter que ser submissa, abaixar a cabeça, para o patrão, para o agressor para os homens que estão aí, não! Mas dentro da minha concepção cristã, a mulher sim no casamento ela é submissa ao homem e isso é uma questão de fé”.

Com esta declaração, a ministra volta a ser notícia, pois boa parte da imprensa, jornais, televisão, blogs, sites de diversas linhas ideológicas e político-partidárias, repercutiram a fala da ministra com exaustão. Apesar de ela ter falado à comissão durante duas horas, a resposta a essa pergunta é que ganhou destaque nacional.

Isso só aconteceu, pois, a fala da ministra carrega uma forte ideologia religiosa, conforme já comentamos anteriormente. Bakhtin (2014) defende que não podemos separar discurso de ideologia, pois ao enunciar tomamos uma posição social, posição que a ministra

explicita. Ela é cristã, evangélica e defende publicamente esses posicionamentos em espaço não religioso. Desse modo, percebe-se certa dificuldade em distinguir o papel de ministra, que exerce um papel de representatividade em um país constitucionalmente laico e que, portanto, deve(ria) proteger e representar a todas as mulheres sem restrições, do papel da pastora evangélica, que prega para um determinado público.

Ao mesmo tempo, Damares deixa uma mensagem a quem Bakhtin (2003) chama de “supradestinatário”, pois quando ela afirma, “eu quero dizer que todas as mulheres vão ter que ser submissa, abaixar a cabeça para o patrão, para o agressor para os homens que estão aí, não!”, percebe-se que a ministra dirige sua fala a uma parte das mulheres brasileiras que estão ouvindo, mas não fazem parte da sua igreja. É possível que a ministra tenha produzido esse enunciado levando em conta uma parte das mulheres brasileiras que sofrem com violência doméstica, pois, segundo pesquisas¹⁴, a maior parte das mulheres que sofrem violência é agredida pelo companheiro dentro da própria casa. Desse modo, o enunciado parece uma tentativa de evitar a polêmica sobre sua afirmação, deixando claro que sua opinião sobre a submissão feminina diz respeito à sua profissão de fé, o que pode não ser aplicado a todas as mulheres.

Além disso, esse enunciado torna-se polêmico se analisado através de dois pontos de vista: o primeiro deles levando em consideração que a pastora acredita na ideia de que, dentro da sua fé, a mulher deve ser submissa ao homem, e, portanto, deve aguentar e se calar caso seja agredida pelo marido; o segundo ponto de vista pode considerar a exclusão, por parte da ministra, da possibilidade de que dentro do mundo evangélico possa haver maridos que agredam suas esposas, o que é uma generalização, sendo que não há como mobilizar tal afirmação, pois a violência doméstica não escolhe classe social, religião ou cor para acontecer.

O comentário da ministra provoca o que Amossy (2017) vai chamar de dicotomização, pois veio a unir os grupos que defendem a mesma ideia, isto é: religiosos e não religiosos da mesma crença, reagrupando-os não só por identificação do pensamento, mas como forma de consolidar a identidade do grupo. De um lado, os favoráveis à declaração da ministra, pois seguem os mesmos preceitos religiosos; de outro lado, os grupos que não creem nos mesmos dogmas, afirmando que o enunciado é problemático quando dito numa sociedade machista como a que vivemos. Ainda, segundo a estudiosa, a retórica da dicotomização consiste justamente na ideia de estabelecer oposição dos discursos, portanto pode ser considerado um fenômeno social.

¹⁴ Para saber mais sobre violência contra a mulher, acesse: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>>. Acesso em 23 de agosto de 2019.

A fala da ministra revela-se polêmica, na medida em que pode inibir denúncias de violência contra as mulheres. O enunciado provoca reações, ainda, em virtude do cargo ocupado pela locutora, pois, sendo ministra da mulher, deve(ria) se preocupar com o bem estar de todas as mulheres, não reforçando um comportamento considerado machista que coloca a mulher em uma posição de submissão ao homem.

Por fim, outro aspecto deste discurso que, mais uma vez, provoca reações acaloradas é o fato da ministra não separar a religião da política. Como vivemos em um país laico, há uma parcela importante da população que rechaça o discurso que confunde fé e política. Chegando ao final da análise dos enunciados midiáticos propostos como *corpus* e respondendo a problemática da pesquisa, percebemos que os enunciados escolhidos apresentam elementos linguísticos que os caracterizam como polêmicos, como nos momentos em que a pastora mostra uma clara divisão de grupos nós (igreja) versus eles (ciência), como no caso do enunciado sobre a Teoria da Evolução.

Além disso, podemos perceber características da polêmica quando a pastora tenta desqualificar a tese e seu adversário, chamando as feministas de “feias”, dizendo que as mesmas não gostam de homens, entre outras afirmações, pois como sustenta Amossy (2017, p. 59) “o descrédito lançado sobre a pessoa anula a força de seus argumentos”. Ou fazendo afirmações carregadas de subjetividade e emoção, tentando convencer seus interlocutores, pois como vimos nas contribuições de Amossy (2017) gerenciar a polêmica com base nas emoções e não na razão, faz com que o enunciado saia do domínio da argumentação. Todos esses enunciados, como já foram explicados na análise, constroem sentidos que provocam uma clara divisão social, umas das características mais marcantes da polêmica que foi abordada durante esta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais, com sua velocidade de propagação de conteúdo, favoreceram a disseminação do termo “polêmica”. Diante desse um cenário, surgiu nosso interesse nesta pesquisa, nela buscamos entender o que é a polêmica, como ela se constitui e se manifesta. Para tanto decidimos analisar enunciados midiáticos, investigando características constitutivas que possam torná-los polêmicos a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos.

Compreendemos que o homem se constitui na e pela linguagem, portanto não podemos perceber o homem como ser social, sem passar por ela. Dessa forma, buscamos mostrar ao longo deste trabalho que estudar a linguagem é ir além de aprender e entender apenas as estruturas da língua, o importante é analisar os sentidos de um discurso como um processo dinâmico de construção e reconstrução da enunciação, compreendendo as relações dialógicas que se estabelecem no processo de constituição dos sentidos em um discurso.

A enunciação, na perspectiva adotada neste estudo, é constituída de um locutor, um interlocutor e um supradestinatário, que sempre se encontram baseados numa determinada época e sociedade, pois como afirma Bakhtin (2014, p. 116), a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”.

O enunciado, como vimos, é uma unidade de comunicação verbal, portanto, não possui apenas uma significação, pelo contrário, detém um sentido que está sempre relacionado a um valor social, já que o falante que o produz está sempre inserido num contexto histórico-social, pois, como afirma Faraco (2009), enunciar é tomar uma posição social avaliativa, é localizar-se frente a outras posições sociais avaliativas, já que falamos numa atmosfera social saturada de valorações.

Levando em consideração os principais autores que embasaram esta pesquisa sobre os temas da interação, enunciação e dialogismo, destacamos Bakhtin (1997, 2003, 2008, 2010, 2014, 2016), Barros (1996), Brait (1996), Faraco (2009), Fiorin (2015,2017), Marcuschi (2005, 2008) e sobre a problemática da polêmica nos apoiamos em Amossy (2017). Todos esses estudiosos trouxeram importantes contribuições para realização deste estudo.

O intuito principal desse estudo foi perceber se a polêmica pode ser considerada uma modalidade argumentativa ou ela é simplesmente um termo usado a esmo pelas pessoas que não conhecem seu significado e então chamam de polêmica tudo que gera uma certa repercussão e divergências de opiniões.

Partindo de tal objetivo, a questão que norteou este estudo foi: que elementos linguísticos constituem enunciados caracterizados como polêmicos e que sentidos constroem? Logo, buscamos, na teoria dos estudiosos listados acima, argumentos que pudessem responder a esse questionamento.

Como já mencionamos, se o homem se constitui na e pela linguagem e conseqüentemente pela interação, as relações dialógicas que sempre se estabelecem nos enunciados são fundamentais, esse é o principal conceito na teoria do filósofo russo Mikhail Bakhtin, pois, como observamos durante a pesquisa, não podemos nos considerar os autores de nossos enunciados, eles sempre serão perpassados pela palavra do outro, e influenciados pelo meio social. A linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar de atualização do enunciado.

Durante a pesquisa, testemunhamos o que afirma Fiorin (2017), acerca da construção do sentido no processo de assimilação das vozes sociais, estas são incorporadas de diferentes maneiras, algumas como vozes de autoridade, que são assimiladas como uma verdade absoluta, a qual não se pode questionar, apenas aceitar. Essas vozes são consideradas centrípetas, impermeáveis, como notamos nos enunciados proferidos pela pastora e ministra.

Sabemos que as divergências de opiniões e as discussões contraditórias são importantes e necessárias para a sociedade. Entretanto, nem toda opinião contraditória pode ser considerada um discurso ou uma interação polêmica. A polêmica, desse modo, é uma manifestação discursiva sob a forma de um embate de opiniões contraditórias que circulam no espaço público.

Podemos dizer que nosso *corpus* de pesquisa se divide entre discurso polêmico e interação polêmica, pois em três trechos identificamos uma produção discursiva de apenas uma das partes, no caso a ministra e pastora Damares Alves, já em outro trecho temos uma interação com uma outra pessoa que lhe faz perguntas, ou seja, seu discurso é uma resposta a um outro discurso.

Além disso, aprendemos que um discurso polêmico ou uma interação polêmica vai muito além de um embate de opiniões contraditórias, visto que, traz também outras características como a polarização, a dicotomização, a desqualificação do adversário e da sua tese, entre outras.

Desse modo, foi possível observar no enunciado “Damares e a Teoria da Evolução”, as características de um discurso polêmico, pois basicamente é visto que há a produção discursiva de uma das partes envolvidas, que carrega necessariamente o discurso do outro, o que Bakhtin vai chamar discurso dialógico. Também percebemos, nesse enunciado, a

presença da voz social de autoridade, como mencionado por Fiorin (2017), representada pela voz de uma pastora evangélica falando aos seus fiéis. Também neste enunciado fica clara a ideia da polarização, igreja versus ciência, que revela posições antagônicas entre dois grupos.

No segundo enunciado analisado, que tem como título “As Feministas e a Igreja”, também identificamos um discurso polêmico, pois não há novamente, a intenção do debate face a face com seu adversário. Esse tipo de discurso sempre será desqualificador, pois terá um alvo a ser atacado, tal comportamento é claramente percebido no discurso da enunciadora, que se preocupa o tempo todo em desqualificar seu adversário com adjetivos depreciativos como “feias”, tentando com isso depreciar a tese do grupo que a pastora critica. A enunciadora provoca durante o seu discurso uma clara polarização, contrapondo nós (mulheres da igreja) versus elas (feministas) criando assim uma clara divisão de grupos.

No terceiro enunciado, intitulado “Menino veste azul e Menina veste rosa”, também podemos perceber um discurso polêmico. Identificamos neste enunciado a presença de uma voz social de autoridade, a ministra que fala a seus assessores e apoiadores políticos. Neste discurso, particularmente, percebemos um engajamento emocional, deixando clara a atuação das forças centrípetas sobre as forças centrífugas e a forte presença da ideologia marcando seu discurso.

No último enunciado analisado, que recebeu o título de “A mulher deve ser submissa ao homem no casamento?”, percebemos características de uma interação polêmica, pois está face a face com quem lhe faz o questionamento, dessa forma, a enunciadora tenta explicar e defender o seu posicionamento. Esse tipo de interação se faz quando dois ou mais adversários se engajam em uma discussão falada ou escrita, em que um tenta levar vantagem sobre o outro. Além disso, também conseguimos perceber que este enunciado apresenta uma dicotomização, estabelecendo dois lados de opiniões antagônicas, os que professam da mesma fé da enunciadora, logo concordam com seu discurso, e os que não seguem a mesma fé, portanto consideram o referido enunciado problemático quando dito numa sociedade extremamente machista como a nossa.

O fato de o termo “polêmica” ter adquirido grande notoriedade nos espaços públicos, como nas redes sociais e na maioria das situações ser empregado de forma errônea, provocou a curiosidade de estudar e aprofundar o assunto, e chegando ao final desta pesquisa, acreditamos ter conseguido responder a problemática inicial, que era: que elementos linguísticos constituem enunciados caracterizados como polêmicos e que sentidos constroem? Em cada enunciado analisado, buscamos mostrar quais eram esses elementos, e sobretudo mostrar que para serem caracterizados como um discurso polêmico

ou uma interação polêmica, não basta apenas ter uma divergência de opiniões, mas é necessário que o enunciado tenha outras características que o definam como tal.

Assim, percebemos que os enunciados escolhidos como *corpus* possuem elementos linguísticos que o caracterizam como polêmicos, segundo as definições de Amossy (2017), e que a polêmica perpassa todos os gêneros discursivos, ela não está presente apenas um ou outro, mas pode apresentar-se nos mais variados gêneros, logo ela pode ser uma modalidade argumentativa, e não simplesmente uma característica atribuída a alguns enunciados.

Ao fim deste percurso, acreditamos que este trabalho pode contribuir com os estudos da área da linguagem, qualificando, a partir das reflexões feitas por Bakhtin e o Círculo, os conceitos que envolvem a construção dos discursos/enunciados caracterizados como polêmicos. Ainda que estas reflexões sejam parciais, uma vez que analisamos somente alguns enunciados midiáticos considerados polêmicos, estas nos levam a observar a linguagem com um outro olhar, refletindo mais sobre a construção e o sentido de cada enunciado.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Apologia da Polêmica*. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho. São Paulo: Contexto, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2010.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso*. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. P.21-42.

BRAIT, Beth. *A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva*. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. P. 69-92.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DINHEIRO PÚBLICO É DA NOSSA CONTA. *A mulher deve ser submissa ao homem no casamento, afirma Damares*. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LPI3RKTYA3s>>. Acesso em 11 de junho de 2019.

FARACO, Carlos Alberto. *O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica*. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996.p. 113-164.

_____. *Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos chave*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Introdução Linguística: objetos teóricos*. 6ªed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2017.

FREITAS, Ernani Cesar; PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUZZO, Patrícia. *Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin*. Cadernos do IL, Porto Alegre, nº 36, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>>.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PISSOLI, July. *A transposição da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa em textos midiáticos sob a perspectiva enunciativa de Bakhtin*. 2018. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2018. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/1511/2/2018JulyPissoli.pdf>>. Acesso em 02 de agosto 2019.

PODER 360. *Damartes Alves diz: menino veste azul e menina veste rosa*. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>>. Acesso em 09 de junho de 2019.

ROJO, Roxane; BARBOSA; Jaqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SEREMOS Resistência. *Damares Alves ataca feministas*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_yWSMQEkY8>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TVUOL. *Ministra Damares questiona Teoria da Evolução e diz que igreja perdeu espaço nas escolas*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=56Vk8U_rDqo>. Acesso em 11 de junho de 2019.